

IMAGEM DA ENUNCIÇÃO NO GÊNERO REPORTAGEM

Vanessa Candida de Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Professora Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis

Rio de Janeiro
Setembro de 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Imagem da enunciação no gênero reportagem
Vanessa Candida de Souza
Orientadora: Professora Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Prof^a Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis

Prof^a Doutora Sigrid Castro Gavazzi – UFF

Prof^a Doutora Lúcia Helena Martins Gouvêa-UFRJ

Prof^a Doutora Filomena de Oliveira Azevedo Varejão- UFRJ, suplente

Prof. Doutor Fernando Vieira Peixoto Filho – FAETEC, suplente

Rio de Janeiro
Setembro de 2008

A minha mãe, Vera Lúcia, presença constante e amorosa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo o que tem feito por mim e pelo que ainda vai fazer.

Aos meus pais, Vera e Jorge, pelo amor e apoio incondicionais.

A minha avó Teresa e as minhas tias Ana e Cláudia, por sempre acreditarem em mim.

Às amigas Ana Lúcia de Oliveira e Kátia Emmerick, pelo companheirismo e pelas contribuições para a realização deste trabalho.

À professora Maria Aparecida Lino, por sua compreensão e pela forma maravilhosa como me orientou.

À amiga Daniele Felizola, pela feitura do abstract.

A Clara Violeta, pela valiosa ajuda na montagem do *corpus*.

Ao CNPq, pela bolsa.

...a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia— a da sua própria objetividade.

(Ingedore Koch, *Argumentação e linguagem*)

SOUZA, Vanessa Candida de. **Imagem da enunciação no gênero reportagem**. Rio de Janeiro, UFRJ, 140p. mimeo. 2008. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as marcas enunciativas presentes em textos midiáticos de caráter informativo e demonstrar sua influência no processo de construção do *ethos*. À luz da Teoria Semiolingüística do Discurso, de Patrick Charaudeau; e das teorias sobre enunciação propostas por Catherine Kerbrat-Orecchioni e por Émile Benveniste, foram analisadas reportagens sobre o acidente da TAM— ocorrido em 17 de julho de 2007— publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* no período de 18 de julho de 2007 e 31 de julho de 2007. Defende-se aqui que é possível encontrar índices de subjetividade mesmo em gêneros de textos que visam à objetividade

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade; enunciação; *ethos*; discurso midiático; contrato comunicativo.

SOUZA, Vanessa Candida de. **Imagem da enunciação no gênero reportagem**. Rio de Janeiro, UFRJ, 140p. mimeo. 2008. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work aims to study the marks of enunciation which we can find in the informative texts of journalistic media and to demonstrate its influence in the *ethos* construction process. According to Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory of Discourse and the enunciation theories purposed by Catherine Kerbrat-Orecchioni and Émile Benveniste, we analysed texts of reportage about TAM accident – which happened on July, 17th, 2007 – that were published in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Globo* in the period from July, 18th, 2007 to July, 31st, 2007. We defend that it is possible to find subjectivity signs even in genres of texts which aim the objectivity.

Key-words: subjectivity, enunciation, *ethos*, media discourse, communicative contract.

SINOPSE

Análise do discurso de informação midiático: estudo das marcas enunciativas nas reportagens dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo* sobre o acidente com o avião da TAM, publicadas no mês de julho de 2007; caracterização do *ethos* dos enunciadores por meio dos índices de subjetividade nas operações de caracterização e processualização/modalização .

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	TEORIAS DA ENUNCIÇÃO.....	14
	2.1 Benveniste e a <i>subjetividade na linguagem</i>	15
	2.2 Kerbrat-Orecchioni e a enunciação da subjetividade.....	16
	2.3 A subjetividade na construção do <i>ethos</i>	20
3	A ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO DISCURSO.....	22
	3.1 Caracterização da teoria.....	26
	3.2 O contrato comunicativo.....	28
	3.2.1 os componentes do contrato.....	29
	3.2.2 Os tipos de visadas.....	31
	3.2.3 Os contratos e a formação do <i>corpus</i>	32
4	O DISCURSO MIDIÁTICO.....	34
	4.1 Os pilares do discurso midiático.....	34
	4.2 O contrato de informação midiático.....	39
	4.2.1 Identidade.....	39
	4.2.2 Finalidade.....	42
	4.2.3 Propósito.....	43
	4.2.4 Dispositivo.....	44
	4.3 Os modos discursivos do acontecimento midiático.....	46
5	METODOLOGIA E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	48
	5.1 Dezoito.....	51
	5.1.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	51
	5.1.2 <i>O Globo</i>	56
	5.2 Dezenove.....	60

5.2.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	60
5.2.2 <i>O Globo</i>	64
5.3 Vinte.....	68
5.3.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	68
5.3.2 <i>O Globo</i>	72
5.4 Vinte e dois.....	76
5.4.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	76
5.4.2 <i>O Globo</i>	78
5.5 Vinte e três.....	81
5.5.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	81
5.5.2 <i>O Globo</i>	83
5.6 Vinte e quatro.....	84
5.6.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	84
5.6.2 <i>O Globo</i>	86
5.7 Vinte e cinco.....	88
5.7.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	88
5.7.2 <i>O Globo</i>	88
5.8 Vinte e seis.....	90
5.8.1 <i>Folha de S.Paulo</i>	90
5.8.2 <i>O Globo</i>	91
5. 9 Vinte e nove.....	92
5.9.1 <i>Folha de S. Paulo</i>	92
5.9.2 <i>O Globo</i>	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
6.1 A visada de informação.....	94

6.2 A visada de captação.....	94
6.3 A manutenção da notícia.....	95
6.4 Implicações da subjetividade no <i>ethos</i>	95
6.5 Proposta de aplicação pedagógica.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que enunciar, em sentido lato, significa exprimir ou declarar algo e em sentido estrito, liga-se à idéia de enunciação. Estudar a língua de um ponto de vista enunciativo implica levar-se em conta o sujeito responsável pelo ato da enunciação. Embora ele esteja presente em todas as situações comunicativas, sejam elas escriturais ou orais, muitas vezes não é fácil apreendê-lo. Mas, certo é que a sua presença sempre deixa marcas. Partindo dessa hipótese, é que este trabalho objetiva detectar índices dessa subjetividade e demonstrar como eles influenciam na construção do *ethos*, entendido como a imagem de si que o enunciador projeta em seu discurso.

Esta pesquisa elegeu como objeto de estudo um conjunto de reportagens publicadas em dois jornais de referência— *Folha de S. Paulo* e *O Globo*— no mês de julho de 2007, cuja temática é o acidente com o avião da *TAM*, ocorrido em 17 de julho. Esses textos se caracterizam por uma pretensa objetividade e, por isso, as marcas enunciativas, conforme o contrato da informação, seriam menos evidentes. Como a subjetividade manifesta-se por meio de diferentes categorias da língua, seria possível observar o processo de avaliação do fato noticioso pelos enunciadorees.

Foram utilizados como pressupostos teóricos a Análise Semiolingüística do Discurso, de Patrick Charaudeau e as teorias sobre enunciação de Émile Benveniste (1988, 1989) e de Kerbrat-Orecchioni (1997).

O trabalho é composto por seis capítulos. O primeiro deles constitui a introdução; no segundo, mostra-se a enunciação sob as perspectivas de Benveniste (1988, 1989) e Kerbrat-Orecchioni (1997). As propostas desses dois autores foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que tratam da questão

da subjetividade, vista, respectivamente, a partir do aparelho formal da enunciação e das categorias lingüísticas que denotam os traços subjetivos axiológico, afetivo e modalizador. Nesse capítulo, discute-se ainda a relação existente entre a subjetividade e a formação do *ethos*.

O terceiro capítulo versa sobre a Análise Semiolingüística do discurso, de Patrick Charaudeau. Inicialmente, apresenta-se seu histórico e o contexto de seu surgimento. Após, caracteriza-se a teoria apresentando-se os conceitos básicos a serem utilizados na pesquisa, a saber: ato de discurso, parceiros de comunicação, projeto de influência do enunciador e contrato comunicativo.

No quarto capítulo, que trata do discurso midiático, informa-se primeiramente o conceito de discurso com o qual se trabalha nesta pesquisa. A seguir, discutem-se as noções de verdade, de objetividade e neutralidade que estão envolvidas no discurso midiático e mostra-se como o contrato comunicativo aplica-se a esse discurso.

O quinto capítulo compreende a metodologia adotada, o processo de construção do *corpus* e os passos da pesquisa. Foram escolhidas as reportagens sobre o acidente da *TAM* dos dias 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26 e 29. A análise visou a desvendar as estratégias lingüístico-discursivas utilizadas pelos jornais ao noticiarem o acidente e a demonstrar, por meio dos processos de caracterização e processualização/modalização, o grau de subjetividade nos textos.

Finalmente, o sexto capítulo traz as conclusões fundamentadas em análises quantitativas e qualitativas das ocorrências nos dois periódicos, o que permitiu traçar o *ethos* de cada jornal. O trabalho apresenta ainda uma proposta de aplicação pedagógica como subsídio para leitura de textos em geral.

2 TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Os estudos lingüísticos anteriores às chamadas teorias da enunciação concebiam a língua como algo estático e homogêneo, livre da interferência de fatores externos.

Um dos maiores representantes dessa concepção foi Saussure, que chegou a estabelecer a dicotomia *langue* e *parole*. De acordo com Fiorin (1996: 29), essa proposta apresenta três limitações: a ausência de um modelo de atualização, ou seja, de conversão da *langue* em *parole*; a falta de percepção sobre a existência de leis de organização do discurso, evidenciada pela afirmativa de que a *parole* é o reino da liberdade e da criação; e a exclusão da Lingüística dos componentes da comunicação que não fossem o código.

As teorias sobre a enunciação recuperam justamente esses componentes negligenciados por Saussure. Um deles assume posição central nessas teorias, a saber: o falante, que através do discurso transforma-se em sujeito.

Por ser esta pesquisa uma investigação sobre a presença do sujeito no discurso midiático, faz-se necessário esclarecer o conceito de subjetividade. Acredita-se que uma boa maneira de se realizar essa tarefa é destacar trabalhos de autores que já abordaram o tema exaustivamente. Assim, foram escolhidos dois autores: Benveniste (1988, 1989), considerado um dos precursores dos estudos sobre a enunciação, e Kerbrat-Orecchioni (1997), que realizou um estudo minucioso sobre as marcas deixadas pelo enunciador no discurso.

2.1 Benveniste e a *subjetividade na linguagem*

Para Benveniste (1989: 82), a enunciação é o colocar em funcionamento da língua por um ato individual de utilização. Trata-se, portanto, de um processo de apropriação da língua por parte do locutor.

Na enunciação é que se fundamenta a subjetividade, entendida como “a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (Benveniste, 1989: 286). Entretanto, deve-se ter em mente que no ato enunciativo o sujeito não constitui apenas a si, instaura também a figura de um outro, um alocutário, com o qual estabelece uma relação de parceria.

Benveniste (1989: 86) afirma que a língua coloca a disposição do enunciador um aparelho de funções que pode ser utilizado por ele para influenciar de alguma forma o comportamento do alocutário. Tal aparelho, também denominado pelo autor aparelho formal da enunciação, é composto por formas lexicais e sintáticas de interrogação, partículas, pronomes, seqüência, entonação, etc.

Em seu estudo sobre a enunciação, Benveniste (1988: 289-93) afirma que os pronomes pessoais constituem um ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem, assim como os demonstrativos, os advérbios e adjetivos dêiticos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do sujeito.

Examinando-se a proposta de Benveniste, chega-se à conclusão de que a língua só adquire sentido por meio da enunciação, cujo protagonista é o sujeito. Isso pode ser comprovado nesta afirmativa feita pelo autor:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor,

forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação.
(BENVENISTE, 1989: 83)

2.2 Kerbrat-Orecchioni e a enunciação da subjetividade

Kerbrat-Orecchioni (1997: 38) afirma que a enunciação tem um sentido original reconhecido e aceito por todos os lingüistas. Desse modo, o termo corresponde a uma atividade lingüística exercida por um falante no momento em que fala. É um acontecimento e, como tal, nunca se repete, cada enunciação é única.

A autora destaca que, a partir desse sentido original, a enunciação sofre dois deslizamentos semânticos. O primeiro deles é ocasionado pela polissemia do termo, que serve para designar, ao mesmo tempo, o ato e o produto.

Embora muitos lingüistas tentem distinguir enunciação de enunciado, considerando-os, respectivamente, um processo dinâmico e um resultado estático, Kerbrat-Orecchioni (1997: 40) prefere entender que ambos constituem o mesmo objeto. A diferença está no olhar que se lança sobre esse objeto.

O segundo deslizamento relaciona-se à tendência de se privilegiar um dos constituintes do marco enunciativo: o emissor da mensagem. Caso essa perspectiva de estudo venha a ser adotada, dir-se-á que se trata de uma lingüística da enunciação restrita. Porém, se ocorrer o contrário, poder-se-á afirmar que se está diante de uma lingüística da enunciação ampliada (KERBRAT-ORECCHIONI 1997: 41).

A lingüística da enunciação ampliada tem como objetivo descrever as relações que se desenvolvem entre o enunciado e os elementos que constituem o marco enunciativo, tais como: os protagonistas do discurso, a situação de comunicação, as circunstâncias espaço-temporais e as condições gerais de

produção e recepção da mensagem (natureza do canal, contexto sócio-histórico, restrições do universo do discurso, etc.).

Já a lingüística da enunciação restrita, em vez de englobar todo o percurso comunicacional, interessa-se apenas pelo sujeito da enunciação. É nesse âmbito que se localiza a pesquisa empreendida por Kerbrat-Orecchioni, conforme se verifica abaixo:

Dentro de esta perspectiva restringida consideraremos como hechos enunciativos las huellas lingüísticas de la presencia del locutor en el seno de su enunciado, los lugares de inscripción y las modalidades de existencia de lo que con Benveniste llamaremos de “la subjetividad en el lenguaje”. Sólo nos interesaremos, pues, por las unidades “subjetivas”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997: 42)

De acordo com a autora, a subjetividade é onipresente. Todas as escolhas lingüísticas efetuadas em um discurso colocam em destaque a figura do enunciador, ainda que em diferentes graus:

En una oración como “Eso es bonito”, pronunciada fuera de contexto em una situación de intercambio oral, el demostrativo es evidentemente, deíctico. Pero el mismo adjetivo “bonito” también implica al hablante: el empleo de este término valorativo es relativo a la naturaleza particular del sujeto de la enunciación, a sus tablas de valores, a sus cánones estéticos. Toda afirmación lleva la marca del que la enuncia. La denominación que hemos llamado “absoluta”, que tomaba en consideración el denotado y solamente éste, es un límite ficticio: el objeto que se nombra no es un referente en bruto, sino que es un objeto percibido, interpretado, evaluado. La actividad del lenguaje, en su totalidad, es subjetiva. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997: 90)

Os procedimentos lingüísticos utilizados pelo sujeito para imprimir sua marca no enunciado, abrangem diferentes classes de palavras. Dentre elas, destacam-se os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios, que constituem as chamadas categorias de subjetivemas, ou seja, categorias que abrigam os traços afetivo, axiológico e modalizador.

Com relação aos substantivos, o traço subjetivo que mais os caracteriza é o axiológico, o qual reflete um juízo de valor negativo ou positivo por parte do enunciador. Kerbrat-Orecchioni (1997: 99) adverte que existem termos que já são marcados lingüisticamente com uma conotação negativa ou positiva, como é o caso do substantivo **morosidade**, considerado sempre negativo, presente em **Em meio à comoção, familiares encontravam forças para reclamar da morosidade na identificação dos corpos** (*O Globo*, 23/07/2007); e outros cuja valoração é dependente do contexto. Como exemplo desse último tipo de substantivo, destaca-se **satisfação**, que aparece com uma carga negativa no enunciado **A referência à atitude do assessor da Presidência, Marco Aurélio Garcia, que demonstrou satisfação ao saber de suposto defeito na aeronave da TAM, foi alvo de protesto dos parentes.**¹ (*O Globo*, 23/07/2007). A autora ressalta ainda que as expressões axiológicas desempenham um papel argumentativo dentro do discurso.

No que se refere aos adjetivos subjetivos, subdividem-se em afetivos e axiológicos. Os primeiros possuem dupla função: além de enunciarem uma propriedade do objeto que determinam, expressam uma reação emocional do sujeito com respeito a esse objeto, isso se verifica no uso do adjetivo **dolorido** no enunciado a seguir: **Um sermão longo e dolorido iniciou ontem a missa em homenagem às vítimas do vôo JJ 3054 da TAM, na Catedral da Sé, em São Paulo** (*Folha de S. Paulo*, 23/07/2007). Por sua vez, os segundos aplicam ao objeto denotado pelo substantivo uma qualificação negativa ou positiva. São duplamente subjetivos, na medida em que seu uso varia de acordo com a natureza particular do sujeito da enunciação e em que manifestam uma tomada de posição favorável ou desfavorável deste em relação ao objeto denotado. No fragmento **A falta de clareza**

¹ O enunciado alude ao episódio no qual o assessor da Presidência fez gestos obscenos para comemorar a notícia de que o acidente da TAM teria sido causado por falha mecânica na aeronave, o que isentaria o governo de culpa.

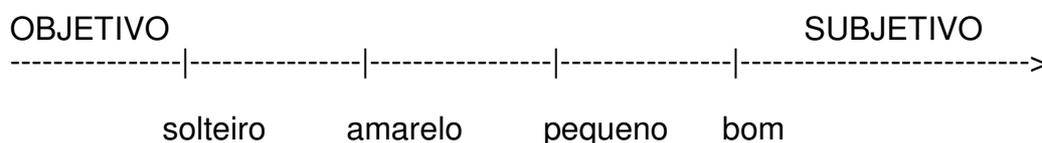
sobre o que é urgente e essencial no gasto público tem levado a situações esdrúxulas na gestão das reduzidas verbas do programa de proteção ao vôo pela Aeronáutica (*O Globo*, 27/07/2007), por exemplo, o adjetivo **esdrúxulas** revela uma posição desfavorável por parte do enunciador.

Quanto aos advérbios, afirma-se que eles abarcam todos os traços subjetivos: axiológico, afetivo e modalizador, sendo esse último o que mais os identifica, já que muitos termos dessa classe servem para mostrar o grau de comprometimento do sujeito enunciador com o conteúdo expresso em seu enunciado. Em **Ao saber que o acidente da TAM teria sido causado por defeito mecânico, o assessor especial da Presidência, Marco Aurélio Garcia, faz um gesto obsceno em seu gabinete demonstrando felicidade com o fato de a informação supostamente aliviar a culpa do governo na tragédia** (*O Globo*, 20/07/2007), por exemplo, o emprego do advérbio **supostamente** denota um menor grau de comprometimento do enunciador.

Por fim, no que concerne aos verbos, Kerbrat-Orecchioni (1997) apresenta diferentes tipos nos quais a manifestação de subjetividade é evidente. Dentre esses tipos, destacam-se os verbos *dicendi*, que são amplamente utilizados no discurso da informação midiática e expressam um comportamento verbal por parte do sujeito enunciador, como se vê no uso da forma verbal **acusam** em **'Pista estava lisa como sabão' acusam pilotos** (*Folha de S.Paulo*, 18/07/2007).

Vale lembrar que a oposição objetivo/subjetivo não possui caráter dicotômico, e sim gradual, uma vez que "las unidades léxicas están ellas mismas cargadas con un peso más o menos grande de subjetividad" (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997: 94). É como se houvesse um *continuum* de subjetividade, cuja

tentativa de representação encontra-se abaixo², fato que dificulta a medição do grau de subjetividade de um determinado texto.



Contudo, a partir das marcas deixadas no enunciado pelo sujeito, é possível traçar seu perfil, ou melhor, o seu *ethos*, como será visto na seção posterior.

2.3 A subjetividade na construção do *ethos*

A noção de *ethos* teve início na Retórica Clássica. Corresponhia à imagem de si que o orador deixava transparecer em seu discurso com a finalidade de alcançar êxito em sua argumentação.

Uma questão impõe-se ao se tratar do *ethos*: o embate entre o *ethos* pré-discursivo, imagem que os alocutários têm do locutor antes mesmo que ele se pronuncie, e o *ethos* discursivo, imagem que se constrói por meio do discurso. Alguns autores desconsideram o primeiro, entre esses, encontra-se Aristóteles, para quem o caráter real do enunciador não deve ser confundido com o *ethos*.

Maingueneau (2005: 71) admite que pode haver situações ou determinados tipos de discurso nos quais o alocutário possua uma imagem prévia do enunciador. Como exemplo, o autor cita o que ocorre em relação ao discurso político. Os enunciadores que o proferem freqüentemente estão em destaque na

²Adaptação da escala de Kerbrat-Orecchioni (1997: 94)

mídia. Geralmente, sua figura é associada a uma imagem negativa. Nesse caso, entra em cena a idéia de estereotipagem, definida por Amossy (2005: 125) como “a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”.

No que diz respeito ao discurso de informação midiática, também é possível se estabelecer um *ethos* prévio, mas em relação ao veículo. Os jornais *O Globo e Folha de S. Paulo*, por exemplo, desfrutam de uma imagem positiva. São identificados por sua seriedade. Em contrapartida, tablóides como *Meia-Hora e Expresso*, ambos em circulação no Rio de Janeiro, gozam de uma imagem desfavorável.

Deve-se ter em mente, porém, que muitas vezes o *ethos* discursivo desconstrói o *ethos* prévio. Em outras palavras, na enunciação é que se confirma ou não a imagem prévia que se tem do enunciador (MAINGUENEAU, 2005: 71)

De acordo com Pauliukonis (2003: 41), o *ethos* é uma realidade discursiva e se constrói na totalidade das marcas enunciativas. Sendo essas marcas reveladoras da presença do sujeito no discurso, pode-se concluir que elas contribuem para a formação da imagem do enunciador.

Após essa breve exposição acerca da enunciação, apresenta-se no próximo capítulo a Análise Semiolingüística do discurso, teoria que também trata da inserção do sujeito no discurso e que contém noções consideradas centrais para a pesquisa, como, por exemplo, a noção de contrato comunicativo.

3 A ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO DISCURSO

Como se sabe, são muitas as disciplinas que fazem do discurso o seu objeto de estudo, porém, com perspectivas diferentes. Entre elas, destaca-se a Análise do Discurso, que teve seu início no final dos anos 60 com os trabalhos de Michel Pêcheux. O método utilizado nesses trabalhos reunia aquisições do materialismo histórico, da psicanálise e da lingüística. Já os *corpora* para análise eram compostos por documentos de caráter político-histórico.

Segundo a concepção de Pêcheux, a Análise do Discurso deveria relacionar os documentos estudados às condições sócio-históricas vigentes em uma determinada sociedade. Para o teórico, as formações discursivas presentes nesses documentos denunciavam a ideologia subjacente a eles. A esse respeito, observe-se o que diz Machado (1998):

Enfim, nessa sua primeira fase (chamada por Maingueneau (1989) “análise do discurso da primeira geração”), a AD procura evidenciar a posição de certas palavras, expressões ou frases passíveis de marcar ou de definir um determinado tipo de discurso, fruto de uma determinada *ideologia política*: assim, um texto que mostrasse, por exemplo, uma grande incidência de palavras tais como “povo”, “cidadania”, “liberdade”, direitos “humanos”, “igualdade”, teria muito mais chances de ser considerado como um texto originado por um locutor assujeitado a uma formação discursiva de esquerda, que um texto onde houvesse, em vez das palavras citadas, a predominância de outras tais como: “Estado”, “Nação”, “religião”, valores “morais”... (grifos da autora)

O pensamento exposto acima norteou a chamada Análise do Discurso Francesa, na qual não se levava em conta o estatuto do sujeito como ser individual. O sujeito era apenas um veículo da transmissão das palavras de ordem de um determinado partido ou voz política.

A partir da década de 80, com a morte de Pêcheux, a chamada Análise do Discurso Francesa começa a se fragmentar, dando origem a diferentes correntes.

Contudo, essas novas correntes não rompem totalmente com a teoria originária, muitos de seus princípios e conceitos continuam a ser utilizados, ainda que de forma reelaborada.

Entre as novas vertentes da Análise do Discurso, destaca-se a Semiollingüística, criada por Patrick Charaudeau. O termo Semiollingüística é definido pelo lingüista da seguinte forma:

Semio- de 'semiosis' evocando o fato de que a construção de sentido é feita através de uma relação forma sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; lingüística para destacar que a matéria principal da forma em questão- a das línguas naturais (CHARAUDEAU, 2005: 13).

Tal definição permite entender que a teoria em questão concebe a língua como um veículo utilizado por um sujeito para produzir os efeitos desejados no seu parceiro de comunicação. Esse sujeito está inserido num contexto social no qual circulam diferentes verdades e crenças. Suas produções serão, portanto, determinadas em parte pelo social. Isso é levado em consideração pela Semiollingüística. Sendo assim, essa teoria diferencia-se dos outros estudos sobre o discurso por reconhecer que este resulta da união do lingüístico com o social (extralingüístico).

De acordo com Charaudeau (1999: 32), as diversas teorias sobre análise do discurso podem ser inseridas em três grandes problemáticas, que se utilizam de três parâmetros: o objeto de estudo, o tipo de sujeito do discurso e o tipo de *corpus* organizado. Há, então, uma problemática cognitiva e categorizante, uma problemática comunicativa e descritiva e uma problemática representacional e interpretativa.

A problemática cognitiva e categorizante considera o objeto de estudo como um conjunto de mecanismos discursivos. Procura-se analisar a existência e os modos de agenciamentos dos referidos mecanismos dentro de uma produção discursiva qualquer. Busca-se também descrever o modo de funcionamento dos mecanismos e seu modo de produção. Nessa problemática, entra em cena o sujeito dito cognitivo. Considera-se a sua aptidão para produzir e reconhecer operações e articulações tais como: relações anafóricas e catafóricas, condições de coerência (elementos de repetição, progressão, de não-contradição), regras de argumentação, etc. O *corpus* não precisa ser organizado em torno de uma situação de comunicação particular. Assim, ele pode ser classificado como aleatório.

Na problemática comunicativa e descritiva, o objeto de estudo é determinado a partir da observação das manifestações do mundo fenomenal. Trata-se, portanto, de um objeto empírico. Essa observação permite notar que os comportamentos assumidos pelos indivíduos nos seus atos de interação social costumam ser recorrentes, isso leva a crer que eles estão submetidos a certas condições de realização e obedecem a determinadas regras. O resultado dessa abordagem é o estabelecimento de diferentes tipologias de discursos, de textos, de gêneros ou de situações comunicativas e uma teorização desses tipos ideais de comunicação.

O termo *descritiva* utilizado para designar essa problemática justifica-se pela tentativa de descrição dos tipos ideais de situação comunicativa. No que diz respeito ao sujeito, ele é denominado sujeito de comunicação. Define-se por sua identidade psicológica e social e pelas restrições que enfrenta se quiser se inserir na interação. No tocante à construção do *corpus*, os textos são agrupados de acordo com a situação de comunicação a qual estão relacionados.

Dentro da problemática representacional e interpretativa, o objeto de estudo define-se por meio de hipóteses a respeito da existência de representações sócio-discursivas em um dado momento de uma sociedade e que caracterizam um ou outro grupo social. Essa abordagem é chamada interpretativa porque é necessário que se tenha previamente uma hipótese sobre o que são os posicionamentos sociais, assim como sobre a relação destes com as práticas discursivas e com os tipos de sujeito que lhes correspondem. A própria construção dessas hipóteses constitui-se uma dificuldade para a abordagem, visto que ela se apóia em manifestações discursivas muito diversas, difusas e de difícil controle.

O sujeito dessa problemática é concebido segundo duas posições: uma mais radical e uma menos globalizante (CHARAUDEAU, 1999: 37). A posição radical, cuja maior representante é a Escola Francesa de Análise do Discurso, considera que o sujeito é sobredeterminado pelas formas discursivas, ou seja, está sempre subordinado ao seu discurso. Ele é apenas uma ilusão. Já a menos globalizante, embora não negue essa sobredeterminação, reserva uma imagem positiva para o sujeito ao considerá-lo como portador de muitos discursos de doxa (os chamados lugares comuns) que circulam entre os diferentes grupos sociais e que revelam seu posicionamento social. Tem-se assim, um sujeito “responsável” pelas representações desses discursos.

O *corpus* da problemática em questão varia de acordo com as duas posições mencionadas acima. Na primeira posição, ele é formado por um conjunto de textos-arquivos escolhidos em função de seu valor emblemático de discurso dominante. São exemplos desses textos dicionários, enciclopédias, produções discursivas de grupos constituídos e todas as produções que possuem um valor de discurso fundador. Na segunda posição, o *corpus* é composto por um conjunto de

signos-sintomas que representam, de forma emblemática, sistemas de valores. Esses signos podem ser tanto palavras como recorrências verbais ou icônicas.

Deve-se lembrar que é muito difícil que os estudos de uma determinada corrente sejam inseridos em uma única problemática. Charaudeau (1999: 40), por exemplo, admite que a Semiologia identifica-se com as três problemáticas:

Enfim, eu deveria talvez dizer onde eu próprio me situo. Eu não vou, para tanto, fazer uma segunda conferência, mas me contentarei em resumir minha posição declarando, de forma cavalheira, que segundo meus objetivos de análise, eu me sirvo das três problemáticas: em primeiro lugar, da problemática comunicativa, já que eu abordo sempre os fatos do discurso menos por suas marcas lingüísticas que por suas condições situacionais de produção (é aqui onde eu situo meu “contrato de comunicação”); em seguida, sirvo-me da problemática representacional, já que meu trabalho sobre o reconhecimento das estratégias discursivas deve resultar na descrição do que eu denomino os “imaginários sociodiscursivos” de base; enfim, é importante que isto seja descrito com as categorias que eu chamo de “semiologia”, o que implica que eu considere o que me propõem os estudos que se situam na problemática cognitiva. (grifos do autor)

Feitas as considerações iniciais sobre a teoria, passa-se agora à apresentação dos elementos que a fundamentam.

3.1 Caracterização da teoria

Conforme já visto, a forma utilizada pelo sujeito falante para expressar seus propósitos comunicativos é retirada das línguas naturais. Essas, por possuírem uma dupla articulação e apresentarem uma particularidade combinatória de suas unidades (sintagmático-paradigmática em vários níveis: palavra, frase, texto), exigem um procedimento de semiotização diferente das outras linguagens.

A semiotização do mundo é realizada por meio de dois processos indissociáveis: transformação e transação. No primeiro processo, inicialmente, tem-se um mundo a significar, constituído pelas possibilidades que a língua oferece para

a representação dos elementos do mundo real. À medida que o sujeito falante atua sobre essas possibilidades, esse *mundo a significar* transforma-se em *mundo significado*. O processo em questão abrange quatro tipos de operações discursivas: a identificação, a qualificação, a ação e a causação. A primeira refere-se à nomeação dos seres, a segunda é responsável pela especificação de suas características, a terceira diz respeito à inserção dos seres em esquemas de ação e a quarta demonstra a influência sofrida pelos seres em decorrência da sucessão de fatos do mundo.

No segundo processo, a transação, o mundo significado passa a ser compartilhado entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante por meio de vários gêneros textuais compostos em modos de organização discursiva. Na realização desse processo, entram em jogo quatro princípios: o princípio de alteridade, segundo o qual deve haver um reconhecimento mútuo entre os parceiros de comunicação; o princípio de pertinência, que estabelece que esses mesmos parceiros devem partilhar um *saber* sobre o ato de linguagem de que participam; o princípio de influência, segundo o qual todo sujeito tem como meta atingir de alguma forma seu parceiro; e o princípio de regulação, que está relacionado às estratégias utilizadas pelos interlocutores para regular o jogo de influências. Quando o processo de transação é concluído, o ato de linguagem produz seu efeito comunicativo.

Charaudeau (2001: 28-9) diz que o ato de linguagem pode ser considerado uma interação composta por intencionalidades e regulada pelo princípio do jogo, ou seja, “joga-se um lance na expectativa de ganhar”. Ganhar, nesse sentido, corresponde ao fato de o sujeito falante atingir seus objetivos comunicativos. Para que isso aconteça, ele lança mão de algumas operações

estratégicas que deixam marcas em seu enunciado. Essas marcas são expressas pelas categorias da língua e pelos modos de organização do discurso.

Todo ato de linguagem realiza-se em dois espaços de significância, um externo e outro interno. Em ambos os espaços há um EU e um TU. No espaço interno existe um EU enunciador (EUe) e um Tu destinatário (TUd). Pode-se dizer que esse espaço corresponde a um mundo ideal no qual o discurso do enunciador é proferido para um destinatário também ideal, ou seja, um destinatário que aceita o que está sendo dito. Trata-se de uma “encenação” (CHARAUDEAU, 2001: 28). Já o espaço externo pertence ao chamado mundo real. Nesse espaço, verifica-se um EU comunicante (EUc) que se dirige a um TU interpretante (TUi), que pode aceitar ou não o discurso daquele.

Faz-se necessário dizer ainda que o ato de linguagem não ocorre de forma desregrada, já que ele sempre é presidido por um *contrato*.

3.2 O contrato comunicativo

O contrato comunicativo corresponde a uma série de regras a serem observadas em uma determinada situação para que um ato de linguagem se concretize. Esse contrato pressupõe a existência de um sujeito comunicante e de um sujeito interpretante, que devem se reconhecer como parceiros de comunicação (princípio de alteridade) e partilhar de um saber em comum (princípio da pertinência). Cada um dos sujeitos envolvidos no ato de linguagem procura influenciar o comportamento do outro para atingir seu objetivo, seja ele persuadir, seduzir, manipular, etc (princípio de influência). A não aceitação de influência por parte de um dos parceiros pode gerar ruptura de fala ou até mesmo

confronto físico. Para que isso não ocorra, os parceiros usam estratégias que visam a estabelecer uma intercompreensão mínima (princípio de regulação).

3.2.1 Os componentes do contrato

Duas espécies de dados compõem o contrato de comunicação: os dados externos e os dados internos (CHARAUDEAU, 2006: 68). Os primeiros são aqueles constituídos pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que efetuam trocas no campo de uma prática social determinada e pelas constantes que caracterizam essas trocas. Já os segundos são os propriamente discursivos, que permitem responder a questão do “como dizer”?

Os dados externos estão divididos em quatro categorias, cada uma delas corresponde a um tipo de condição de enunciação da produção: condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo.

A condição de identidade estabelece que todo ato de linguagem depende dos sujeitos que se acham inscritos na troca. Define-se pela resposta à pergunta “Quem fala a quem?”, ou seja, estão em jogo os estatutos social, econômico e cultural dos parceiros. Charaudeau (2006: 69) lembra que a consideração desses estatutos não tem caráter sociológico, serve apenas para destacar os traços identitários que interferem no ato de comunicação.

A *finalidade* estipula que todo de linguagem deve ser ordenado em torno de um objetivo. Essa condição se resume na pergunta “Estamos aqui para dizer o quê?” Responde-se a essa pergunta por meio de *visadas* (noção que será tratada no próximo item).

O *propósito* exige que todo ato de comunicação seja construído em torno de um domínio de saber. Essa condição se traduz na seguinte pergunta: “Do que se trata?”

Finalmente, tem-se a condição de *dispositivo*, que requer que todo ato de linguagem seja construído de uma maneira particular, de acordo com as circunstâncias materiais em que se desenvolve. É definida por meio das seguintes perguntas: “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação?”, “Que lugares físicos são ocupados pelos parceiros?” e “Que canal de transmissão é utilizado?”

Os dados externos correspondem às restrições discursivas presentes em todo ato de linguagem. Eles formam “o conjunto de comportamentos linguageiros esperados quando os dados externos da situação de comunicação são percebidos depreendidos, reconhecidos” (CHARAUDEAU, 2006: 70). Dividem-se em três espaços de comportamentos linguageiros: espaço de locução, espaço de relação e espaço de tematização.

No espaço de *locução*, o desafio do sujeito é saber como ocupar o espaço de fala. Ele deve apresentar uma justificativa para sua tomada de palavra. Dois fatores estão envolvidos em seu projeto de fala: a legitimidade e a credibilidade. A legitimidade é pré-determinada e pode se fundamentar sobre o saber e o poder. Porém, a legitimidade não basta para que o discurso seja reconhecido. É necessário que haja também credibilidade. Essa se constrói por meio do saber fazer, ou seja, pela competência do sujeito falante. Sobre essa questão, Charaudeau (1996: 27) afirma o seguinte:

Nada nem ninguém pode obrigar um sujeito falante a ser sincero, nem a crer no que ele diz. Em troca, ele é obrigado, se ele quer ser reconhecido como tal, a mostrar que seu propósito está ligado a um certo domínio do saber em relação ao qual será avaliado.

Por sua vez, o espaço de *relação* constitui o lugar da interação. Nele, o sujeito deve utilizar estratégias discursivas com o intuito de criar relações de aliança ou de oposição com seu interlocutor.

Já o espaço de *tematização* é o local no qual se organiza o domínio do saber, o tema da troca. Nesse espaço, a tarefa do sujeito é assumir uma posição em relação ao tema imposto pelo contrato, seja para aceitá-lo, rejeitá-lo ou sugerir outro para o seu lugar. Além disso, deve escolher um modo de organização do discurso particular (descritivo, narrativo, argumentativo) para tratar esse tema.

Apesar de o ato de linguagem estar sempre ligado às restrições do contrato, o sujeito tem uma certa liberdade (margem de manobra) para levar a cabo seu projeto de fala pessoal. Esse fato é o que leva Charaudeau (2006: 70) a dizer que:

Contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias, o que faz com que todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada.

3. 2. 2 Os tipos de visadas

Ao se falar dos dados externos do contrato de comunicação, viu-se que a condição de finalidade requer que o ato de linguagem seja construído em função de um objetivo e que pode ser definida pela pergunta “Estamos aqui para dizer o quê?”. Nessa condição, está embutido o princípio de influência, segundo o qual em seu projeto de fala o desejo do sujeito é atingir seu parceiro. Ele faz isso por meio de visadas, que podem ser entendidas como o caminho percorrido para se chegar ao objetivo comunicativo. Existem quatro tipos principais de visadas: a prescritiva, a informativa, a incitativa e a visada do *páthos* (CHARAUDEAU, 2006: 69).

A prescritiva destina-se à manipulação do outro para fazê-lo agir de acordo com sua vontade. Através dessa visada, o sujeito falante tenta levar o outro a fazer algo (*fazer fazer*). Isso se dá de duas maneiras: pela ordem, se o sujeito falante possui uma posição de poder, ou pela sugestão, se ele não desfruta dessa posição.

Em relação à visada informativa, pode-se dizer que a sua finalidade é a *transmissão de saber*, ou seja, o sujeito falante tem como intuito *fazer saber* alguma coisa ao outro.

A visada incitativa tem como propósito *fazer crer* alguma coisa ao outro, Dessa forma, espera-se que o interlocutor acredite naquilo que está sendo dito.

Por fim, a visada do *páthos* consiste em *fazer sentir*, em despertar no outro um estado emocional agradável ou desagradável.

3.2.3 Os contratos e a formação do *corpus*

A proposta da teoria de Charaudeau (2005: 24) em relação à análise do discurso é construir uma tipologia das condições de realização dos textos, ou seja, uma tipologia baseada nos contratos de comunicação. Para tal, o *corpus* deve ser formado de acordo com a condição de *contrastividade* e com o critério de *abertura/fechamento*. A condição de contrastividade permite fazer dois levantamentos: o das constantes que inscrevem determinados textos em um mesmo tipo de situação (contrato) e o das diferenças entre esses mesmos textos e textos que possuem características parecidas com as deles mas não apresentam, necessariamente, todas as suas constantes.

O critério de abertura/ fechamento consiste em construir o *corpus* por meio de contrastes sucessivos que podem ser internos ou externos. Os contrastes

internos se estabelecem de acordo com alguns dados do contrato. O estudo do discurso da imprensa, por exemplo, pode ter um *corpus* construído pelo contraste dos suportes: imprensa escrita / televisionada ou pelo contraste de *representações*: imprensa séria/ imprensa “marrom”. Já os contrastes externos concentram-se na variável de espaço, como exemplo cita-se a observação de um mesmo contrato em contextos socioculturais distintos: o discurso político no Brasil e o discurso político nos Estados Unidos; na variável de tempo: o discurso político na época da ditadura e o discurso político atual (anos 2000) e no confronto de contratos diferentes, para estabelecer as semelhanças e diferenças entre eles (ex: o contrato publicitário e o contrato informativo).

Todas as noções contidas neste capítulo são uma tentativa de situar o quadro teórico da Semiologia em relação ao discurso de uma maneira geral. No próximo capítulo, ver-se-á como essa teoria se aplica ao discurso da informação midiática.

4 O DISCURSO MIDIÁTICO

Antes de se tratar propriamente do discurso midiático, faz-se necessário ver como se situa Charaudeau em relação ao termo “discurso”, cujo sentido varia, como se sabe, dependendo da teoria utilizada. O Autor (2001: 26) apresenta dois enfoques. Em um deles, o referido termo corresponde a um conjunto de saberes partilhados, construído por indivíduos que pertencem a um determinado grupo social. Já em outro, relaciona-se à encenação do ato de linguagem, que abrange tanto o espaço interno (lugar do fazer psicossocial) quanto o espaço externo (lugar da organização do dizer).

Quando se fala aqui em análise do discurso midiático, a noção de discurso apresentada é essa última, uma vez que o objetivo desta investigação é mostrar como se dá a sua encenação discursiva. Para cumprir essa tarefa, fazem-se, a seguir, considerações a respeito do “contrato” de informação midiática.

4.1 Os pilares do discurso midiático

Os meios de comunicação, de uma maneira geral, têm como lema informar. Para o exercício dessa atividade, fundamentam-se em certas noções que se constituem verdadeiros ideais, a saber: verdade, objetividade e neutralidade. Todos esses elementos são considerados positivos pela sociedade. A questão, porém, é saber se no fazer jornalístico esses elementos são efetivamente empregados.

O conceito de verdade pode ser considerado bastante problemático. Há duas formas de se concebê-lo: como absoluto e como relativo. Dentro da primeira perspectiva, existiria uma única verdade compartilhada por todos. Na segunda,

haveria várias verdades, ou melhor dizendo, diversos pontos de vista em relação à verdade.

Acredita-se que considerar a verdade como absoluta é uma atitude ingênua e redutora, pois, sabe-se que os indivíduos, embora sejam pertencentes a mesma sociedade, possuem crenças e valores diferentes, o que os leva a pensar de maneira diversa. Observe-se o que diz Hernandez (2006: 19) acerca da apreensão da realidade:

O senso comum vê a realidade como definitiva, pensa a existência de um mundo único e de uma verdade inquestionável. No entanto, qualquer aspecto da realidade é muito mais complexo do que podemos dar conta. Estamos condenados a dar sentido a certas experiências. Nossa visão de mundo, os próprios discursos sobre certos assuntos e a nossa língua, porém, nos empurram em determinada direção. Vamos pinçando e construindo significações a partir desses limites. O desemprego para um homem religioso pode ser um castigo de Deus. Para outro, pode ser consequência de uma sociedade na qual os trabalhadores são explorados de modo desumano pelos empresários. Para um terceiro, pode ser falta de competência. Entender e aceitar essa complexidade é muito difícil e um tremendo exercício de imparcialidade que se impõe a qualquer analista.

Também Charaudeau (2006: 48-9), ao tratar da construção do “real”, faz uma distinção entre valor de verdade e efeito de verdade. O valor de verdade não é de ordem empírica. Ele é fruto de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica exterior ao homem, que nada mais é que um conjunto de técnicas de saber dizer. O uso dessa instrumentação permite construir um ser verdadeiro. Já o efeito de verdade provém da subjetividade do sujeito em sua relação com mundo. Por ser compartilhável com outras pessoas, cria uma adesão ao que pode ser considerado verdadeiro. Dessa forma, pode-se dizer que esse processo está mais relacionado ao acreditar ser verdadeiro do que ao ser verdadeiro. Enquanto o valor de verdade baseia-se na evidência, o efeito de verdade fundamenta-se na convicção.

Cada tipo de discurso possui uma maneira particular de produzir seus efeitos de verdade. O discurso de informação o faz observando os seguintes itens: as possíveis razões pelas quais uma informação é transmitida, os traços psicológicos e sociais daquele que dá a informação e os meios utilizados pelo informador para provar sua veracidade.

A finalidade intencional do ato de informar é determinada pelo fato de haver ou não um pedido prévio de informação. Quando a informação é pedida, ela pode partir de um indivíduo que necessita dela para nortear sua conduta, completar seu saber ou formar uma opinião a respeito do valor dos fatos. Nesse caso, vê-se que aquele que solicita a informação atribui ao que informa um saber, uma competência.

Se a informação é dada mesmo sem ser pedida, existem duas hipóteses para sua transmissão: ou o informador é obrigado a oferecê-la ou ele a transmite por iniciativa própria. A primeira hipótese sugere que o informador, em princípio, teria vontade de reter a informação seja por razões táticas que exijam que o outro seja deixado em estado de ignorância com o intuito de evitar o surgimento de um contrapoder — já que possuir uma informação também é uma forma de poder— seja por uma vontade de se preservar. Já essa segunda leva a crer que o informador age por interesse pessoal ou em nome de uma gratuidade altruísta (CHARAUDEAU, 2006: 50).

Essa noção de gratuidade altruísta é característica do discurso midiático, uma vez que os meios de comunicação tentam mostrar que oferecem a informação de forma desinteressada. É como se estivessem doando um bem para a sociedade e esta devesse ser grata a eles.

A credibilidade da informação está vinculada à posição social do informador, ao papel que desempenha na situação de troca, à representatividade que possui diante do grupo do qual é porta-voz e ao seu grau de comprometimento com o que diz. Charaudeau (2006: 52) descreve alguns tipos de informadores. Dentre eles, destacam-se três: o informador que tem notoriedade, o que é uma testemunha e o informador plural.

A posição ocupada pelo informador que tem notoriedade exige que ele não esconda informações de utilidade pública. Isso lhe confere certa autoridade e faz com que aquilo que diz seja considerado digno de fé. Entretanto, por causa dessa posição, ele também pode ser acusado de ter intenções manipuladoras.

O papel do informador-testemunha é o de portador da verdade, na medida em que sua fala tem como objetivo apenas dizer o que viu e ouviu. Ele não é suspeito de utilizar nenhuma estratégia de ocultamento, como ocorre algumas vezes com o informador que tem notoriedade. Esse tipo de informador é muito solicitado no discurso midiático, pois, seus relatos ajudam a construir a realidade.

O informador é dito plural quando a informação é proveniente de várias fontes. Nesse caso, as informações podem convergir para um valor de testemunho ou divergir. Se houver convergência, a pluralidade exercerá um papel de reforço, de confirmação da verdade. Em contrário, a pluralidade promoverá o confronto de opiniões a partir do qual o informado deverá tirar suas próprias conclusões e assim construir a sua própria verdade consensual.

Aos estatutos mencionados anteriormente, acrescenta-se ainda o grau de engajamento do informador, ou seja, sua atitude psicológica ante o que diz, que influenciará no valor de verdade da informação. A fim de que essa atitude produza efeito sobre o receptor da informação, é necessário marcá-la discursivamente. O

informador pode fazer isso de três formas: demonstrando seu engajamento sob o modo de convicção, proveniente da confiança que deposita em sua fonte; ocultando esse engajamento ou explicitando-o com distanciamento.

Com relação às provas da veracidade de uma informação, Charaudeau (2006: 55) afirma que elas precisam ser objetivas, independentes da subjetividade do sujeito falante, exteriores a ele e reconhecidas por outros. Isso exige que os meios discursivos empregados sejam destinados a provar a autenticidade ou a verossimilhança dos fatos, e o valor das explicações dadas.

A autenticidade é caracterizada pela possibilidade de atestar a própria existência dos seres no mundo, sem que haja um filtro entre o chamado mundo empírico e a percepção do homem. Sua função é construir um real de transparência, de prova concreta. Os meios discursivos utilizados para se chegar a ela incluem o procedimento de designação/nomeação, por meio do qual se tenta mostrar o verdadeiro. Por isso, exibem-se documentos e objetos que funcionam como provas concretas.

Quanto à verossimilhança, pode-se dizer que ela representa a capacidade de se reconstruir analogicamente acontecimentos já ocorridos. Visa a criar um real de suposição. Para se consegui-la, recorre-se ao procedimento de reconstituição, que usa como provas reportagens, testemunhos e sondagens.

Por fim, a explicação tem como objetivo determinar o porquê dos fatos e as intenções daqueles que foram seus protagonistas. A fim de que isso ocorra, emprega-se o procedimento de elucidação, que considera dois tipos de provas: as técnicas e as que provêm da exposição de opiniões diversas. O primeiro tipo é constituído por palavras de especialistas, peritos e intelectuais. Já o segundo, é representado por opiniões colhidas em entrevistas, interrogatórios e debates.

A partir dessa exposição, conclui-se que é impossível se atingir a verdade. O discurso de informação midiático pode apenas tentar reconstruí-la, produzindo, assim, efeitos de verdade.

Com respeito à questão da objetividade e neutralidade, pode-se dizer que também são impossíveis. A exemplo do que ocorre com a verdade, elas só se realizam em termos de efeito de sentido. Hernandez (2006: 30) afirma que:

A objetividade é um dos recursos jornalísticos para se tentar “apagar” o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa ou parte de um conglomerado de informação, não quer se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas conseqüências do que noticia.

Entende-se, então, que elas não passam de estratégias utilizadas pelos jornais para alcançar credibilidade.

4.2 O contrato de informação midiático

Como todo ato de linguagem, a informação midiática é presidida por um contrato comunicativo, que é composto por dados externos e internos (cf. item 3.1). Nesta seção, serão vistas as quatro categorias nas quais os dados externos se dividem: a condição de identidade, a condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo.

4.2.1 Identidade

Sabe-se que todo ato de linguagem põe em contato duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. Cada uma delas desempenha um papel dentro da troca linguageira. No caso da comunicação midiática, a princípio, caberia à instância

de produção fornecer as informações e despertar no seu público o desejo de consumi-las. Já a instância de recepção deveria mostrar-se interessada nessas informações.

A instância de produção seleciona as informações que transmite de acordo com as representações que cria sobre o público, com vistas a atingi-lo. Entretanto, nem sempre há uma coincidência entre o público e essas representações. Muitas vezes, ele não se sente atraído pelo conteúdo informativo disponibilizado pela instância de produção, preferindo agir segundo suas próprias idéias.

Charaudeau (2006: 72) afirma que as duas instâncias devem ser consideradas sob dois pontos de vista: um interno e outro externo. Num ponto de vista interno, a instância de produção apresenta-se como organizadora do conjunto de sistema de produção e a de recepção, como destinatária. Já num ponto de vista externo, elas são consideradas, respectivamente, organizadora da enunciação e consumidora das informações. Percebe-se, então, que ambas as instâncias são compósitas.

A instância de produção, também chamada instância midiática (CHARAUDEAU, 2006: 73), é uma entidade composta por vários atores. Existem aqueles que dirigem o organismo de informação e cuidam da parte econômica da empresa, os encarregados da programação, os que são responsáveis pela redação das notícias e os operadores técnicos. Todos eles trabalham para que se produza uma enunciação aparentemente homogênea do discurso midiático.

Dentro dessa instância, o jornalista pode ser considerado a figura mais importante. Sua função é transmitir as informações e no exercício dessa atividade ele assume diferentes papéis: mediador entre os acontecimentos do mundo e sua

encenação pública; revelador da informação considerada oculta; intérprete dos acontecimentos, ao tentar estabelecer-lhe as causas e situá-los e um papel de cunho didático, ao agir como educador da opinião pública.

No que se refere à instância de recepção, pode-se dizer que ela uma entidade difícil de ser apreendida pela instância de produção. O maior obstáculo para sua abordagem é a falta de informações sobre sua identidade social. Pelo fato de os receptores não estarem presentes fisicamente na situação de troca, a instância midiática não tem como saber quais são suas reações e expectativas em relação ao conteúdo informativo posto a disposição. Assim, só lhe resta fazer previsões a respeito dela.

Considerando-se a dupla finalidade do contrato de informação, fazer saber e fazer sentir, a instância de recepção pode ser abordada de duas maneiras; como alvo intelectual ou como alvo afetivo (CHARAUDEAU, 2006).

Na qualidade de alvo intelectual, é considerada capaz de avaliar seu interesse com relação ao que lhe é proposto e à credibilidade que confere ao organismo que informa.

Já como alvo afetivo intui-se que ela avalia tudo de maneira emocional. A instância midiática, sabendo disso, constrói hipóteses sobre o que é mais adequado para tocar sua afetividade. Para tal, baseia-se em categorias socialmente codificadas de representação como o inesperado, o repetitivo, o insólito, o inaudito e o trágico, que, no tratamento da informação, correspondem a estratégias discursivas voltadas para a dramatização.

4.2.2 Finalidade

A finalidade estabelece que todo ato de linguagem deve ter um objetivo. Pode-se dizer que o da informação midiática é transmitir o máximo de credibilidade ao maior número possível de receptores.

Para se chegar a esse objetivo, o contrato de informação midiático vê-se entre duas visadas (caminhos): a visada de informação e a visada de captação.

Atendendo a uma lógica cívica, a visada de informação consiste em fazer com que o cidadão saiba o que aconteceu ou está acontecendo no âmbito da vida social. Sua realização se dá por meio de dois tipos de atividades languageiras: a descrição-narração, cuja função é reportar os fatos do mundo, e a explicação, que objetiva esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as conseqüências desses fatos.

É necessário que ambas as atividades estejam em conformidade com as condições de veracidade, a fim de que a informação seja crível. Assim, a instância midiática deve autenticar os fatos, descrevê-los de forma verossímil, sugerir as causas e tentar justificar as explicações dadas.

Pelas características apresentadas, é possível notar que a visada de informação está direcionada para a credibilidade.

A visada de captação traduz-se em estratégias para emocionar o público, que são baseadas em categorias socialmente codificadas, conforme já se viu, ao se tratar do alvo intelectual (cf. item 4.2.1). Obedece a uma lógica comercial, segundo a qual deve-se tentar arrebatá-lo o maior número possível de consumidores (leitores, ouvintes, telespectadores).

4.2.3 O propósito

O propósito é a condição que exige que todo ato de comunicação seja construído em torno de um tema. Para o discurso de informação midiático, tal tema corresponde aos acontecimentos ocorridos no espaço social.

Esses acontecimentos apresentam-se em estado bruto, não possuem significação. Para que venham a significar, é necessário que passem por um processo evenemencial, ou seja, um processo de construção que se relaciona ao modo como o sujeito concebe o fato. Veja-se o que diz Charaudeau (2006: 99) a esse respeito:

Mortos são mortos, acontecimento que depende da conjunção de uma multiplicidade de lógicas, umas de ordem física (leis de energia) ou biológicas (envelhecimento, doenças), outras de ordem técnica (procedimentos de fabricação), outras ainda de ordem humana; mas sua significação evenemencial, o fato de que esses mortos sejam designados como parte de “um genocídio”, de uma “purificação étnica”, de uma “solução final”, de que sejam declarados “vítimas do destino” (catástrofe natural) ou da “maldade humana” (crime), depende do olhar que o sujeito humano lança sobre esse fato, ou seja, as redes que ele estabelece, através de sua própria experiência, entre diversos sistemas de pensamento e de crenças.

Deve-se lembrar que esse olhar é duplo, pois inclui tanto o olhar do sujeito responsável pelo ato de linguagem e que transforma o acontecimento bruto em acontecimento significante quanto o olhar do sujeito interpretante que reestrutura o acontecimento previamente significado, de acordo com a sua própria competência de inteligibilidade.

Na construção e seleção dos acontecimentos, a instância midiática utiliza os critérios de atualidade, socialidade e imprevisibilidade .

A atualidade estabelece que a informação midiática deve dar conta daquilo que acontece numa temporalidade co-extensiva à do sujeito que informa e à do sujeito informado. Esse critério liga-se a uma idéia de imediatismo que confere à notícia caráter passageiro, como lembra Charaudeau (2006: 134):

Uma notícia é, por definição, efêmera. Dura tanto quanto um relâmpago, o instante de sua aparição. Uma notícia, nas mídias, tem uma definição mais extensiva; ela pode, por exemplo, ser repetida guardando um certo frescor (na matracagem), mas sob a condição de que permaneça no quadro de uma atualidade imediata. Com efeito, a notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo; além do mais, é preciso que esse elemento novo seja portador de uma forte carga de inesperado para evitar o que as mídias mais temem —, a saber: a saturação.

O critério de socialidade determina que a informação midiática represente o que acontece no espaço público. Para isso, as mídias constroem os universos de discursos desse espaço e os configura sob a forma de rubricas: economia, política, cultura, esportes, ciências, religião, etc.

Por fim, a imprevisibilidade relaciona-se às expectativas dos receptores da informação. Quanto mais um acontecimento for inesperado, maiores são as chances de despertar o interesse do público. Por isso, Charaudeau (2006: 141) afirma que “um cão que morde um homem não é, *a priori*, digno de ser noticiado, mas um homem que morde um cão, isto sim, é novidade! O segundo estado do mundo é o menos esperado”. Esse critério corresponde, portanto, a uma estratégia de captação.

Conclui-se, então, que o propósito corresponde a um recorte que se faz do mundo com vistas a aproximar o acontecimento midiático da realidade.

4.2.4 O dispositivo

O dispositivo é definido como o ambiente físico no qual se realiza a troca. Abrange vários tipos de materiais e se constitui o suporte da mensagem, formatando-a e contribuindo para lhe conferir um sentido.

Esses materiais estão reunidos em um conjunto de redes de significantes que permitem a configuração das unidades de sentido: sistema fônico, sistema icônico, sistema gráfico.

O suporte funciona como canal de transmissão. No que se refere à comunicação midiática, destacam-se três grandes suportes: o rádio, a televisão e a imprensa escrita. Cada um possui a sua materialidade, esta influi nas representações do tempo, do espaço e nas condições de recepção. Como o *corpus* deste trabalho pertence à imprensa escrita, atém-se aqui a ela.

A imprensa escrita caracteriza-se, basicamente, por uma relação de distanciamento entre as instâncias de produção e recepção e uma atividade de conceitualização de ambas as instâncias para representar o mundo.

Por causa da relação de distância e de ausência física entre as duas instâncias, a imprensa escrita é uma mídia que não pode fazer coincidir tempo e acontecimento, tempo da escritura, tempo de produção da informação e tempo de leitura. Como se sabe, é necessário um certo tempo de fabricação do produto, um tempo de distribuição, e um tempo de leitura. Isso tudo traz como consequência uma grande defasagem entre o acontecimento e o momento em que o leitor toma conhecimento dele.

Quanto à atividade de conceitualização, pode-se dizer que ela é muito mais analítica do que na oralidade. O leitor é obrigado a pôr em funcionamento um diferente tipo de compreensão mais discriminatória e organizada que inclui operações de conexão entre as diferentes partes de uma narrativa, de subordinação e encaixe de argumentos e de reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio.(CHARAUDEAU, 2006: 113)

Vistas as condições de realização do contrato de informação midiático, resta observar os modos discursivos utilizados para colocá-lo em prática.

4.3 Os Modos discursivos do acontecimento midiático

Segundo Charaudeau (2006: 150), os modos discursivos “correspondem à especificidade das instruções dadas por cada situação de comunicação.” No caso da situação de comunicação midiática, distinguem-se três modos: relatar, comentar e provocar o acontecimento. Entre eles, destaca-se o relatar o acontecimento que é o que mais se aproxima da proposta deste trabalho.

Relatar o que acontece no espaço público cria um espaço de mediação que se denomina “acontecimento relatado”. Esse acontecimento constitui-se por fatos e ações dos atores que nele se acham envolvidos.

Ao relatar um acontecimento, a instância midiática parte do acontecimento bruto, ressignifica-o e o transforma em narrativa. Existem dois tipos principais de narrativa: narrativa de simultaneidade, caso em que o acontecimento bruto é relatado no mesmo instante em que ocorre, e narrativa de reconstituição, quando o acontecimento bruto já se produziu.

Na primeira narrativa, a instância midiática deve utilizar uma descrição, já que é preciso garantir a seqüência no desenrolar do acontecimento; uma explicação, a fim de elucidar o que acontece no presente através do que aconteceu anteriormente e uma apreciação, pois, para manter captação, o narrador deve demonstrar suas emoções. Esse tipo de narrativa é utilizada no rádio e na televisão

Já na segunda, a narrativa reconstituída, os passos a seguir devem ser estes: introduzir uma abertura mais ou menos dramatizante, como, por exemplo, o

número de vítimas de uma catástrofe (recurso que, como será visto, aplica-se perfeitamente à narrativa do acidente da *TAM*); tentar reconstituir o fato de acordo com um princípio de coerência; desenvolver um comentário explicativo inserido na reconstituição, a fim de tentar explicar como e porque os fatos ocorreram; e trazer um fechamento para a narrativa. Essa narrativa corresponde às reportagens da imprensa, objeto de análise desta pesquisa.

Feita a exposição teórica , que espera-se tenha sido esclarecedora, parte-se para a análise do *corpus*, na qual serão observadas as marcas da presença do sujeito e as estratégias discursivas utilizadas pelos jornais ao narrar o acidente com o avião da *TAM*.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DO *CORPUS*

Seguindo o critério de contrastividade proposto por Charaudeau (cf. item 3.2.3), o processo de escolha do *corpus* para análise iniciou-se com a observação de reportagens publicadas em dois veículos de comunicação—*Folha de S. Paulo* e *O Globo*—no mês de julho de 2007.

Durante esse período, verificou-se que nos referidos jornais quatro temas apareciam constantemente: os jogos Pan-americanos, a violência na capital do Rio de Janeiro, o caso Renan Calheiros e a crise no setor aéreo.

Ao tratarem do tema dos jogos Pan-americanos, os jornais mencionavam a ameaça que cercava o evento, a saber: a violência no rio de Janeiro (local escolhido para a realização das competições). O cenário da cidade antes dos jogos era de guerra, com o embate entre traficantes e a Força Nacional. Uma das ações posta em prática por esse órgão policial, o ataque ao Morro do Alemão, resultou em 19 mortes em um só dia. Apesar disso, pode-se dizer que a polícia obteve êxito em sua empreitada, as principais lideranças do tráfico foram presas, mortas ou expulsas do morro naquele momento, de maneira que os jogos transcorreram em clima de tranqüilidade.

No âmbito da política nacional, as reportagens voltaram-se para o escândalo que envolveu o então presidente do Senado Renan Calheiros, acusado de corrupção por supostamente ter se beneficiado com o dinheiro da empreiteira Mendes Júnior.

Quanto à crise no setor aéreo, foram mostrados problemas como cancelamentos de vôo, atrasos nas saídas dos aviões e a greve dos controladores de vôo, que reivindicavam melhores condições de trabalho. Tal crise culminou com o acidente da TAM, ocorrido em 17 de julho de 2007.

Desse “cardápio” de notícias oferecido pela *Folha de S.Paulo* e pelo *O Globo*, elegeu-se como objeto de estudo justamente o fato mais proeminente da crise aérea, o já mencionado acidente da *TAM*. Assim, foram examinadas as reportagens sobre esse acontecimento, publicadas entre os dias 18 e 31 de julho de 2007.

De acordo com Charaudeau (2006: 244), as reportagens que descrevem conflitos, guerras e catástrofes costumam apresentar o seguinte roteiro: 1) anúncio do desencadear de um conflito; 2) exibição das imagens posteriores ao conflito, que chamam a atenção para o resultado dos estragos materiais e para as vítimas; 3) ação de socorro. Esse roteiro sempre coloca em cena três tipos de atores: as vítimas, os responsáveis e os salvadores. Tendo em vista que as reportagens sobre o acidente incluem-se no caso descrito, procurou-se identificar nelas menções feitas a esses atores pelo enunciador.

Inicialmente, realizou-se um levantamento do *corpus* destacando-se as operações lingüístico-discursivas de identificação, caracterização e processualização/modalização referentes ao próprio fato, aos culpados (possíveis responsáveis), às vítimas (são consideradas vítimas tanto as pessoas que morreram no acidente como seus parentes) e aos heróis (papel desempenhado basicamente pelos bombeiros). Em seguida, fez-se a quantificação dessas operações. Com esses procedimentos, objetivou-se comparar as narrativas dos dois jornais e mostrar como cada um reconstruiu o acontecimento do acidente.

Num segundo momento, procurou-se identificar as marcas da presença do sujeito por meio das operações lingüístico-discursivas de categorização e processualização/modalização referentes ao fato, às vítimas e aos culpados. Para tal, utilizou-se a noção de subjetivemas (categorias que carregam os traços axiológico, afetivo e modalizador) proposta por Kerbrat-Orecchioni (1997). Esse procedimento ajudou a definir o posicionamento político-ideológico dos jornais e seus *ethé*.

A fim de que se tenha uma idéia da análise quantitativa realizada, encontram-se em anexo, nesta ordem: o levantamento do *corpus* referente ao dia 18 de julho, os quadros com os números de ocorrências de operações lingüístico-discursivas pertencentes, respectivamente, a *Folha* e ao *O Globo*, os quadros com os índices de subjetividade (primeiro da *Folha* e depois do *O Globo*) e o quadro com o total de subjetivemas encontrados nas reportagens de ambos os jornais.

Deve-se ressaltar que as análises quantitativas não constituem o foco do trabalho, elas serviram apenas como base para comparação.

Nas análises a seguir, serão observadas as estratégias utilizadas para captar o leitor, a postura do enunciador em relação aos atores implicados na narrativa do acidente e as estratégias de construção do real utilizadas pelos jornais. Toma-se para isso, as reportagens publicadas nos dias 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26 e 29.

As seções que contém as análises são nomeadas de acordo com as datas. Por exemplo, a análise do dia 18 encontra-se na seção intitulada Dezoito. Além disso, cabe lembrar ainda que os jornais serão vistos separadamente e que nos três primeiros dias mostram-se os quadros de

operações lingüístico-discursivas e de índices de subjetividade para exemplificação. Nos outros dias, esses quadros não são apresentados, porém, podem ser encontrados entre os anexos.

5. 1 Dezoito

5.1.1 *Folha de S. Paulo*

A data de 18 de julho corresponde ao dia seguinte do acidente com o avião da TAM. Como é de se esperar, um acontecimento dessa gravidade chama muito a atenção dos meios de comunicação e, logo, se transforma em notícia. Nesse dia, o fato passou a ocupar as primeiras páginas dos principais jornais. A *Folha de S. Paulo* (doravante *Folha*), sendo uma dessas publicações, não fugiu à regra.

Com a manchete **Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas**, a *Folha* introduziu o assunto que seria notícia por vários dias. As referências ao acidente ocupam, praticamente, a página inteira da capa. No rodapé, aparece um indicador sobre o tempo, uma pequena notícia sobre o Caso Renan Calheiros, uma menção aos resultados obtidos pelo Brasil no PAN (jogos Pan-americanos) e um pequeno resumo do conteúdo dos editoriais.

A foto que ilustra a matéria e preenche metade da página mostra o prédio pegando fogo, ao fundo, e os destroços do avião em primeiro plano. Consoante máxima *uma imagem vale mais que mil palavras*, os textos jornalísticos contam sempre com o suporte de fotos que se tornam, portanto, uma constante nos periódicos. Assim, uma imagem como a descrita

anteriormente contribui para visualizar a dimensão do fato. Para Hernandez (2006: 215), a fotografia constitui-se uma estratégia fundamental para atrair o leitor:

Uma fotografia deve ser uma das principais iscas para o olhar em uma página, ou seja, uma das mais importantes armas na estratégia de arrebatamento e de sustentação. Com suas cores, contrastes, ocupação espacial, a foto precisa atrair a atenção do leitor para a unidade noticiosa da qual faz parte. O olhar deve ser fisgado. É a estratégia de arrebatamento. O leitor precisa ainda se interessar pelo conteúdo. A foto deve depois encaminhar o leitor para a parte verbal, ou seja, apresentar uma estratégia de sustentação geral que também tenha êxito.

No interior do jornal, o acidente é destaque num caderno denominado *Cotidiano*. Como o próprio nome indica, retrata fatos do cotidiano do cidadão brasileiro, notadamente os ocorridos em São Paulo. A inserção da notícia do acidente nesse caderno justifica-se pelo fato de ele ter acontecido nessa mesma cidade.

Como já se disse, para o estudo da narrativa do acidente recorreu-se à investigação das operações lingüístico-discursivas de identificação, caracterização e processualização/modalização empregadas no texto. Assim, nesse dia, o quadro geral de operações é o seguinte:

Quadro 1- Operações lingüístico- discursivas

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	47	23	10	3	83	46,3
caracterização	29	16	11	3	59	32,9
Processualização/ modalização	21	9	5	2	37	20,6
total geral	97	48	26	8	179/1582	11,31

* OCO= ocorrência

Nota-se que os maiores números de ocorrências de operações se referem ao fato. São 47 ocorrências de identificação, 29 de caracterização e 21 de processualização/modalização. Esse resultado se explica pela necessidade inicial do enunciador de situar bem o acontecimento.

Embora a nomeação dos culpados já tenha um certo destaque nesse primeiro dia, eles aparecem em segundo lugar no número de ocorrências. Contabilizam-se 23 identificações, 16 caracterizações e 9 processualizações/modalizações.

As vítimas ocupam o terceiro lugar com 10 identificações, 11 caracterizações, 5 processualizações/modalizações, o que é justificado pelo fato de não haver ainda muitas informações sobre elas.

Os heróis, apesar de desempenharem uma função importante, são pouco focalizados em comparação com o fato, as vítimas e os culpados. Aparecem com apenas 3 ocorrências de identificação, 3 de caracterização e 2 de processualização/modalização

No que diz respeito à quantificação das marcas de subjetividade, tem-se o resultado abaixo:

Quadro 2- Presença de subjetividade

	Fato OCO	culpados OCO	vítimas OCO	total OCO	%
caracterização	16	8	4	28/56	50
Processualização/ modalização	10	9	5	24/35	68,5

Analisando-se o quadro, vê-se que de um total de 56 caracterizações 28 são subjetivas, ou seja, a metade. Já em relação à processualização/modalização verificam-se 24 subjetivas entre 35, o que corresponde a um percentual de 68,5%, mais da metade das ocorrências. Observa-se ainda que os maiores índices de subjetividade pertencem ao fato, comprovando-se a ênfase que o jornal deu à apresentação do acontecimento nesse dia.

Como este trabalho não se limita à análise quantitativa dos dados, procede-se, a seguir, ao exame de fragmentos e expressões indicativos da presença do sujeito na enunciação.

Já na capa do jornal são encontradas marcas de subjetividade. Ao classificar o acidente como **o maior da história da aviação do país** e **o pior da história da aviação brasileira**, o enunciador expressa a sua opinião por meio da utilização dos adjetivos **pior** e **maior**, termos de conotação axiológica (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997)

Em **o acidente gerou um jogo de empurra entre os órgãos responsáveis pela aviação brasileira**, faz-se uma crítica àqueles que cuidam do sistema aeroviário do país. A expressão **gerou um jogo de empurra** sugere uma recusa por parte dos membros desses órgãos em assumir a responsabilidade pelo acidente, atitude que cria para eles uma imagem negativa.

Durante todo o tempo da cobertura do acidente, o caderno especial *Cotidiano*, apresenta como rubrica a expressão **tragédia em Congonhas** em todas as sua páginas, o que se torna uma espécie de emblema que identifica o fato valorativamente. O termo **tragédia** por si só já possui uma forte conotação; ao utilizá-lo, o enunciador tem como objetivo destacar a grandiosidade do acontecimento e, ao mesmo tempo, sensibilizar o leitor. Se em lugar de **tragédia** fosse usado o termo **acidente**, não se conseguiria o mesmo efeito, visto que este vocábulo é semanticamente menos marcado.

No fragmento **o acidente é mais um marco trágico na atual crise no setor aéreo brasileiro que se arrasta por quase um ano, com rebeliões de controladores de vôo e medidas lentas do governo para contornar o caos que se instalou nos aeroportos** (*Cotidiano*, p.1), o enunciador novamente concentra suas críticas no governo. O emprego do advérbio **mais** em **mais um marco trágico** faz pressupor que existem outros. Nota-se, na escolha da forma verbal **se arrasta**, que o período de duração da crise causa insatisfação ao enunciador. Em resumo, o governo é descrito como incompetente, ao adotar **medidas lentas** com respeito ao caos aéreo, ou seja, medidas pouco eficientes para resolver o problema.

Para ilustrar a abordagem que a *Folha* faz sobre os parentes das vítimas, destacam-se os seguintes trechos:

(1) **Sem informações em Porto alegre, familiares tentaram invadir o balcão.** (*Cotidiano*, p.2).

(2) **O desespero de parentes e amigos de passageiros com falta de informações sobre o acidente com o vôo 3054 da TAM tomou conta do aeroporto internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, nas horas seguintes à tragédia.** (*Cotidiano*, p.2).

No primeiro trecho, descreve-se uma atitude considerada agressiva —**tentaram invadir**. Já no segundo, essa atitude é justificada pelo **desespero de parentes e amigos de passageiros com a falta de informações**. É como se o próprio fato de serem vítimas conferisse a essas pessoas o direito de agir dessa forma. A justificativa desse comportamento, pela escolha lexical, denota a simpatia do enunciador para com os vitimados.

Como reforço a essa adesão à causa, ao final da reportagem (*Cotidiano*, p.5), encontra-se um artigo assinado cujo título é *O pesadelo da aviação não acaba*. Acredita-se que a inserção desse texto seja uma tentativa de dar uma opinião efetiva do jornal sobre o fato, posto que o contrato comunicativo do gênero reportagem não permite que se faça isso. A presença de um gênero opinativo vem consubstanciar a posição crítica do periódico.

5.1.2 O Globo

O jornal *O Globo* de 18 de julho de 2007 exhibe em sua primeira página, a manchete **Nova tragédia põe em xeque a segurança aérea no Brasil**. Sob ela, encontra-se uma foto que mostra em primeiro plano o prédio da TAM e uma das asas do avião em destroços. A notícia ocupa mais da metade da página. Além dela, têm-se apenas uma pequena notícia sobre o

incêndio no aeroporto Santos Dumont, localizada no canto esquerdo da página, e referências ao desempenho do Brasil no PAN, ao final da página. Até mesmo essas referências relacionam-se ao acidente, como se vê no título **Alegria antes da tristeza acompanhado de uma tarja preta.**

Na parte interna do jornal, a reportagem sobre o acidente localiza-se no caderno *O País*, que trata de temas de interesse nacional. Nessa data, ela ocupou oito páginas desse Caderno.

As operações lingüístico-discursivas encontradas no texto formam o quadro abaixo:

Quadro 1 – Operações lingüístico-discursivas

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	45	16	12	2	75	45,4
caracterização	28	2	8	0	38	23
processualização/ modalização	20	17	12	3	52	31,5
total geral	93	35	32	5	165/1726	9,5

A exemplo do que ocorreu com a *Folha*, observa-se que, em primeiro lugar, destacou-se o fato (45 identificações, 28 caracterizações e 20 processualizações/modalizações); em segundo, destacaram-se os culpados (16 identificações, 2 caracterizações e 17 processualizações/modalizações) e em terceiro, as vítimas (12 identificações, 8 caracterizações e 12

processualizações/modalizações). Para esse resultado, pode-se oferecer as mesmas explicações apresentadas na análise do outro jornal, ou seja, há maior preocupação em focalizar o fato em si e poucas informações sobre as vítimas, naquele primeiro momento.

Os índices de subjetividade no texto se distribuem da seguinte maneira:

Quadro 2- Presença de subjetividade

	fato	culpados	vítimas	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
caracterização	15	1	3	19/38	50
processualização/ modalização	13	7	5	25/49	51

Vê-se que, no geral, há um equilíbrio entre as duas operações, com apenas 1% de diferença. A maior disparidade ocorre nos índices referentes aos culpados: 7 ocorrências de processualização/modalização contra 1 de caracterização.

A expressão de subjetividade, inicialmente, aparece na capa do jornal, que anuncia a manchete **Nova tragédia põe em cheque a segurança aérea no Brasil**. Pelo uso do adjetivo **nova**, pressupõe-se que outras tragédias relacionadas à aviação já ocorreram. Nessa manchete, há uma tentativa de relacionar o acidente à crise pela qual passava o setor aéreo naquele momento. Nisto, *O Globo* se diferenciou da *Folha*, que trouxe a manchete **Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas** na qual se demonstra maior preocupação em oferecer dados sobre o acidente.

Todas as páginas do caderno *O País* que abrigam a reportagem sobre o acidente recebem a rubrica **A tragédia do vôo JJ-3054**. Assim como na rubrica do Caderno *Cotidiano da Folha*, o vocábulo **tragédia** está presente.

Na página 3, lê-se o título **Tragédia anunciada**. O adjetivo explicativo **anunciada** evoca a tese de que o sistema aéreo brasileiro não é seguro e o julgamento baseia-se no pressuposto de previsibilidade: o acontecimento de mais um acidente já era de se esperar.

Ainda na página 3, tem-se o seguinte fragmento: **Pelo menos 201 pessoas, portanto, morreram no maior acidente da História do país**. O adjetivo **maior** expressa uma avaliação do enunciador sobre a dimensão do acidente.

Em **o desastre acontece não apenas menos de um ano depois da tragédia em Mato Grosso, mas também de uma sucessão de falhas que põe em xeque a segurança aérea no país** (*O País*, p.3), mais uma vez, evoca-se a crítica à falta de segurança do sistema aéreo do Brasil. Isso se evidencia com o uso da expressão **põe em xeque** e com a lembrança do acidente da *Gol* —**tragédia em Mato Grosso**. O advérbio **menos** chama a atenção para a proximidade das datas dos acidentes, fato que, segundo o jornal, não é tolerável em um sistema de aviação sério.

Na página 4, o foco da reportagem volta-se para as vítimas. Observe-se o trecho a seguir: **O sentimento comum era de que, não bastasse a possibilidade da morte de parentes, a falta de informações e o despreparo dos funcionários da companhia [TAM] e da Infraero para esse tipo de situação eram evidentes**. Aqui, o enunciador solidariza-se com as

vítimas, indignando-se com a **falta de informações** e o **despreparo** dos funcionários da *TAM* e da *Infraero*.

Por fim, na página 8, com o título '**Pista estava lisa como sabão**', **acusam pilotos** ressalta-se a possibilidade de as condições da pista terem influenciado no acidente. O emprego da forma verbal **acusam** coloca em cena o ponto de vista do próprio enunciador. Gavazzi e Rodrigues (2003: 51), ao analisarem a função dos verbos *dicendi*, no discurso reportado em textos midiáticos, afirmam que tais verbos "constituem importante marca lingüística para trilhar, entre outros aspectos, a ideologia subjacente ao texto". Dessa forma, é possível concluir que os pilotos podem não ter, necessariamente, feito uma acusação, o enunciador é que interpretou a sua declaração como tal.

Assim como acontece na *Folha*, a reportagem é encerrada com artigos opinativos. Porém, diferentemente do jornal de São Paulo, que apresenta um artigo opinativo, o jornal *O Globo* contém três artigos, cuja temática constitui uma crítica à atitude do presidente de não se pronunciar sobre o acidente, imediatamente após sua ocorrência.

5.2 Dezenove

5.2.1 *Folha de S.Paulo*

O segundo dia de notícias sobre o acidente apresenta, em relação ao primeiro, um aumento do número de páginas dedicadas ao assunto. É natural que isso tenha ocorrido, pois, à medida que o tempo passa, mais informações são coletadas e sua divulgação aumenta. Inicia-se a reportagem com a manchete **Mortes de tragédia chegam a 192; agora, chuva fechará**

Congonhas, seguida pelos subtítulos **Airbus da TAM transportava 186 pessoas e outras 6 morreram em solo; há três desaparecidos e Promotoria quer interditar aeroporto; lobby de aéreas fez pista ser liberada antes do fim da reforma.**

Com respeito ao espaço ocupado na capa pela matéria do acidente, tem-se a seguinte disposição: no lado esquerdo, localizam-se os resumos de três artigos assinados que integram a reportagem. Já no direito, há uma espécie de resumo da notícia e um pequeno bloco com o título **Acidente matou grupo de pensionistas tricoteiras**. O centro acomoda uma enorme foto de bombeiros recolhendo pertences das vítimas.

No que concerne à distribuição das operações lingüístico-discursivas ao longo do texto, registrou-se maior número de ocorrências relacionadas ao fato, conforme se vê abaixo:

Quadro 1- Operações lingüístico-discursivas

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	50	59	63	34	170	42,8
caracterização	42	35	38	1	116	29,2
Processualização/ modalização	14	52	34	11	111	27,9
total geral	106	146	135	46	397/1582	25

Comparando-se o primeiro e o segundo dias, percebe-se que houve uma inversão na ordem de prioridade. Em 18 de julho, o fato ocupava a primeira posição; os culpados ocupavam a segunda; as vítimas, a terceira e os heróis, a última. Aqui tem-se a seguinte ordenação: culpados (146 ocorrências), vítimas (135 ocorrências), fato (106 ocorrências) e heróis (46 ocorrências).

Em relação ao grau de subjetividade, encontraram-se resultados que podem ser vistos a seguir:

Quadro 2- Presença de subjetividade

	fato	culpados	vítimas	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	
caracterização	8	6	17	31/115	26,9
Processualização/ modalização	3	26	16	45/100	45

Pode-se observar que as processualizações/modalizações subjetivas representam a maioria das ocorrências, sobretudo na referência aos culpados. Tal resultado demonstra que o foco voltou-se para as ações.

Nesse dia, as reportagens revestiram-se de um forte teor emocional, traduzido na vasta exposição das histórias de vida das vítimas nas páginas do caderno *Cotidiano*. Esse fato corrobora a tese proposta por Charaudeau (2006: 140), segundo a qual “não é o acidente enquanto tal que interessa às

mídias, mas o que ele comporta de drama humano.” A seguir, exemplifica-se esse pensamento:

(1) A advogada Nadia Moyses, 31, e o empresário Luiz Moyses, 36, estavam comemorando: no sábado, o casal havia comprado um apartamento na planta, em Porto Alegre . (Cotidiano p. 5)

(2) Entre as vítimas do vôo JJ 3054 estava a comissária de bordo Fabiane Ruzzante, 30, que tinha ido a Porto Alegre visitar a mãe. Grávida de cinco meses, ela esperava um menino. (Cotidiano p.7)

Nos dois enunciados, fala-se de pessoas que tinham planos, sonhos, como qualquer um dos leitores. O acidente veio a interromper o futuro dessas pessoas. É muito difícil que alguém que leia esses relatos não se sensibilize. O enunciador, sabendo disso, insere-os na reportagem com o objetivo de tocar a afetividade do público.

Além do acentuado grau de emoção no texto, verifica-se também um tom de crítica. Observem-se os enunciados a seguir:

(1) Pista foi liberada depois de lobby de empresas aéreas. (Cotidiano, p.14)

(2) Estatal [Infraero] minimizou a necessidade do “grooving”, e diz que só 5 dos aeroportos administrados por ela dispõem deste sistema. (Cotidiano, p.14)

(3) A pressão das empresas aéreas foi dirigida à Anac e Infraero com um argumento poderoso: o período de férias de julho. (Cotidiano, p.14)

(4) Em meio à crise, Lula se recolhe em Brasília. (Cotidiano, p. 17)

O primeiro enunciado sugere que as empresas aéreas, ao terem pressionado os responsáveis pela administração dos aeroportos para liberarem a pista, contribuíram para o acidente.

Já o segundo traz uma avaliação do enunciador, expressa no uso da forma verbal **minimizou**, em relação à atitude da *Infraero* de desconsiderar a necessidade de *grooving* (ranhuras responsáveis pelo escoamento da água) na pista.

No terceiro enunciado, o fragmento **com um argumento poderoso**: **o período de férias de julho** contém uma forte crítica às empresas aéreas. Por ser mês de férias, muitas pessoas costumam viajar em julho, logo, há um aumento nas vendas de passagens aéreas. Percebe-se, então, que o **argumento** utilizado pelas empresas aéreas baseava-se somente no lucro. Privilegiou-se o lado financeiro em detrimento da segurança. Dessa forma, constrói-se para essas empresas uma imagem negativa: a de estabelecimentos gananciosos cujo único interesse é arrecadar dinheiro.

Finalmente, no último enunciado, por meio dos termos **em meio à crise e se recolhe**, o enunciador reprova o comportamento de Lula. É como se esperasse que o Presidente assumisse uma postura ativa e não a de simples passividade diante do acontecimento.

Nesse dia, assim como no anterior, há inserção de artigos na reportagem. Em um deles, considera-se que o que ocorreu em Congonhas é um crime cuja autoria pode ser imputada ao governo.

5.2.2 O Globo

O jornal *O Globo*, assim como a *Folha*, registrou um aumento no volume de informações sobre o acidente em relação ao dia anterior. Reservaram-se 11 páginas para a exposição do assunto.

Na capa, apresenta-se a notícia alternando-se indignação, expressa na manchete **Infraero, Anac, Decea, Cindacta, FAB... e não se sabe o que houve** e no subtítulo **Brasil tem mais de dez órgãos cuidando da aviação, mas as repetidas tragédias não tem responsáveis**, e emoção, advinda da exibição de fotos de parentes das vítimas chorando e de bombeiros em seu trabalho de retirar corpos dos escombros.

Comparando-se a fotografia principal das capas dos dois jornais, vê-se que a diferença está apenas em um detalhe. Enquanto a *Folha* traz a imagem de bombeiros retirando pertences das vítimas dos escombros, o *Globo* mostra esses profissionais resgatando pedaços dos corpos nesse mesmo local. A fotografia do jornal carioca, portanto, consegue maior impacto dramático.

Nesse dia, o número de ocorrências e a distribuição das operações deram origem ao seguinte quadro:

Quadro 1- Operações lingüístico-discursivas

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	%
identificação	55	41	40	7	143	39,6
caracterização	54	17	23	5	99	27,4
processualização/ modalização	15	37	44	10	106	29,3
total geral	124	95	107	22	348/1726	20,5

Nota-se que as referências ao fato apresentam o maior número de ocorrências, 124 ao todo, seguidas pelas referências às vítimas, cujo total de ocorrências é 107 e aos culpados, que totalizam 95 registros de operações.

Quanto ao grau de subjetividade no texto, chegou-se ao seguinte resultado:

Quadro 2 – Presença de subjetividade

	fato	culpados	vítimas	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	
caracterização	4	8	6	18/94	19,1
Processualização/ modalização	7	6	9	22/96	22,9

Um teor de subjetividade, concentrado principalmente na crítica, pode ser sentido desde a primeira página, na qual se lê a manchete **Infraero, Anac, Decea, Cindacta, FAB... e não se sabe o que houve**. Nesse enunciado, contesta-se o fato de haver muitos órgãos responsáveis pela aviação e nenhum deles apresentar uma explicação para o acidente.

No *lead*, a crítica torna-se ainda mais severa: **Uma extensa burocracia, representada por uma sopa de letras das siglas de mais de dez órgãos oficiais, não foi capaz ontem de apontar na mesma direção na investigação da maior tragédia da aviação brasileira. O mesmo já acontecera com o acidente da Gol, ano passado**. Percebe-se o tom crítico e analítico que o enunciador assume ao fazer avaliações sobre a atuação de

órgãos que comandam o setor aéreo brasileiro. A subjetividade manifesta-se nas classificações pejorativas **extensa burocracia** e **sopa de letras**.

Ainda na primeira página, tem-se mais um fragmento de caráter crítico: **O presidente da Anac, a agência que regula o setor e autorizou a utilização desordenada de Congonhas, Milton Zuanazzi, sumiu e só fala através de nota oficial. O presidente da Infraero, José Carlos Pereira, tampouco apareceu.** Vê-se que o enunciador reprova a atitude dos presidentes dos órgãos de se omitirem diante da situação, preferindo o silêncio. Demonstra-se essa reprovação por meio das expressões **sumiu e só fala através de nota oficial e tampouco apareceu**. Ressalta-se também seu posicionamento contrário à forma de utilização do aeroporto quando a considera **desordenada**.

Na parte interna do jornal, o tom acusatório permanece. Observe-se este exemplo: **Diversas hipóteses para o acidente foram levantadas por autoridades e especialistas, mas ninguém admite responsabilidades, apesar de ser a segunda grande tragédia no Brasil em dez meses. De concreto, o drama das mais de 200 famílias que choram seus mortos.** (*O País*- p.3). Novamente, questiona-se a falta de alguém que se assuma responsável pelo ocorrido e chama-se a atenção para o componente emocional do acidente: o sofrimento das vítimas.

O Jornal, com o intuito de captar o leitor, traz algumas narrativas sobre as vítimas:

(1) **A família do empresário de futebol Márcio Rogério de Andrade também foi duramente atingida pelo acidente. Além dele, morreram a esposa, Melissa, sua filha, Alanis de 2 anos, e seu cunhado, André Ura Dona.** (*O País*, p.8)

(2) **Adelaide Moura e Elcita Ramos, as vovós do tricô, que levavam aos atos de protesto do sindicato dos Aposentados e Pensionistas do Rio Grande do Sul agulhas de tricô, vão fazer muita falta.** (*O País*, p.8)

Em ambos os exemplos, o enunciador mostra-se sensibilizado. No primeiro exemplo, isso se evidencia no uso do advérbio **duramente**, que corresponde a uma avaliação axiológica, já no segundo, pelo uso da expressão afetiva **vão fazer muita falta**.

O uso de termos afetivos e axiológicos denota um compromisso do sujeito enunciador com seu enunciado. Essas marcas costumam ser evitadas em discursos que buscam a objetividade como, por exemplo, o científico e até mesmo o jornalístico, que procura demonstrar isenção, caracterizando-se por um *ethos* baseado em uma frieza de tom, cujas conclusões viessem de resultados de investigações. Ao contrário, como se está vendo no gênero reportagem, freqüente é a presença desses termos, o que denota um *ethos* mais apaixonado. Um dos objetivos desta análise, portanto, é detectar quais são as marcas relevantes de uma orientação ideológica, com base na análise da modalidade enunciativa escolhida para expressá-la.

5.3 Vinte

5.3.1 *Folha de S.Paulo*

A data de 20 de julho de 2007 constitui o terceiro dia de notícias sobre o acidente. O fluxo de informações mantém-se intenso, com treze páginas referindo-se ao assunto.

A primeira página do caderno *Cotidiano* exibe uma grande foto na qual há um perito observando os escombros do prédio da TAM. Sob essa

imagem, avista-se a manchete **TAM sabia de defeito em avião**. No rodapé, localizam-se três pequenos resumos sobre os principais itens a serem tratados durante a reportagem, precedidos pelos títulos **196 mortos, Congonhas em xeque** e **Novo susto**.

Com respeito às operações lingüístico-discursivas, vislumbra-se o seguinte quadro:

Quadro 1- Operações lingüístico-discursivas

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	%
identificação	33	24	27	5	89	45,1
caracterização	25	4	24	7	60	30,4
processualização/ modalização	9	15	18	6	48	24,3
total geral	67	43	69	18	197/1582	12,4

Examinando-se os dados, nota-se que as identificações estão em maior número, com 89 ocorrências, equivalente a 45% do total de operações. Observa-se também que quase não há diferença entre os totais gerais referentes às vítimas (69 ocorrências) e aos culpados (67 ocorrências).

Quanto ao teor de subjetividade no texto, tem-se o resultado a seguir:

Quadro 2- Presença de subjetividade

	fato	culpados	vítimas	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	
caracterização	8	6	17	31/115	26,9
Processualização/ modalização	3	26	16	45/100	45

Vê-se que a subjetividade manifesta-se, predominantemente, por meio da processualização/modalização e que o maior número de ocorrências desse processo encontra-se nas referências aos culpados.

Para demonstrar a presença de subjetividade na reportagem, inicialmente, toma-se como exemplo o *lead* **A TAM já sabia que Airbus-A320 que se acidentou na terça em Congonhas estava operando com problemas mecânicos. Quatro dias antes da tragédia, a aeronave apresentou defeito no reversor do lado direito, que foi lacrado** (*Cotidiano*, p.1). Com o uso da expressão **já sabia**, mostra-se que a TAM tinha conhecimento das más condições do avião desde antes do acidente. Mesmo assim, permitiu que ele continuasse voando. Nesse fragmento, o enunciador deixa transparecer a idéia de que a TAM foi negligente ao tomar essa atitude.

No enunciado **A avaliação no Palácio do Planalto é que Pires não tem culpa no caso do acidente da TAM, mas seu imobilismo ao longo da crise e a falta de capacidade de encontrar soluções— problemas dele, e, logo, do governo— voltaram ao centro do debate com a mais recente tragédia** (*Cotidiano*, p.5), critica-se a postura do ministro da Defesa, Waldir

Pires. Isso é marcado no uso das expressões **imobilismo ao longo da crise e falta de capacidade de encontrar soluções**.

Ainda sobre Waldir Pires, encontra-se este trecho:

Só agora, passados dez meses de caos, surge a primeira mudança na cúpula do setor. Enquanto os problemas no setor aéreo se acumulavam, o afastamento de Pires, 80, foi cogitado diversas vezes, mas Lula resistiu a tirá-lo do governo. Agora a situação se tornou “insustentável” nas palavras de um auxiliar direto de Lula. A utilização do advérbio *só* permite concluir que, para o enunciador, as mudanças na cúpula do setor aéreo demoraram a ser feitas. Já o uso da forma verbal *resistiu* constitui uma avaliação quanto ao posicionamento do presidente sobre a saída do ministro da Defesa.

Os exemplos anteriores constituem-se amostras do tratamento dispensado aos culpados pelo enunciador. Abaixo, mostra-se como é feita a abordagem das vítimas:

(1) **Famílias só querem enterrar parentes** (*Cotidiano*, p. 6)

(2) **Familiares de passageiros do vôo JJ 3054 se desesperam enquanto aguardam a identificação dos corpos, que pode levar meses.** (*Cotidiano*, p.6)

Nesses enunciados, focaliza-se o sofrimento dos familiares, agravado pela espera da identificação dos corpos. Observa-se que, como sempre, as referências às vítimas são responsáveis pela carga emocional da reportagem.

Por fim, nesse dia, chama-se a atenção para o trabalho dos bombeiros, que são descritos como verdadeiros heróis, conforme se atesta abaixo:

(1) **Bombeiros espremem-se em frestas em busca de corpos**

(*Cotidiano*, p.10)

(2) **A todo momento, homens extenuados, corpos imundos, cobertos de fuligem, suando saem do prédio.** (*Cotidiano*, p.10)

Em ambos os enunciados, destaca-se o esforço dos bombeiros na tarefa de resgatar corpos. No primeiro enunciado, isso é marcado pelo uso da forma verbal **espremem-se**. Já no segundo, pelo emprego do adjetivo **extenuados**.

5.3.2 *O Globo*

No *O Globo* de 20 de julho, a reportagem sobre o acidente inicia-se de uma maneira inusitada: com a reprodução onomatopéica **TOP, TOP, TOP**, que alude aos gestos obscenos feitos pelos assessores da presidência, Marco Aurélio Garcia e Bruno Gaspar, ao receberem a notícia, transmitida pelo *Jornal Nacional*, de que o acidente teria sido causado por defeito mecânico no avião.

Abaixo da onomatopéia, aparecem as fotos dos assessores no momento exato em que faziam os gestos. Segue-se a elas a manchete **Governo discute aliviar Congonhas e reduzir burocracia do setor aéreo** e o subtítulo **Sem aparecer em público, Lula faz três reuniões e só anuncia que fala hoje à nação**. Do lado esquerdo da primeira página, localiza-se um pequeno resumo da notícia, que tem por título **TAM sabia que reverso tinha defeito**. No centro, aparecem duas fotos de vítimas do acidente sob o título **Vidas interrompidas**. Nesse dia, as notícias sobre o acidente ocupam um pouco mais que a metade da primeira página do Jornal.

Com respeito às ocorrências das operações de identificação, caracterização e processualização/modalização encontradas nos textos das reportagens, tem-se o seguinte quadro:

Quadro 1- Operações lingüístico-discursivas

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	40	54	38	7	139	44,5
caracterização	31	13	29	4	77	24,6
processualização/ modalização	6	52	28	10	96	30,7
total geral	77	119	95	21	312/1726	18

Os resultados obtidos nesse dia mostram que: foram mais abundantes as referências aos culpados, com um total de 119 ocorrências; as vítimas aparecem em segundo lugar e o fato em terceiro com relação ao número de ocorrências; a operação de identificação se sobressai ante as outras operações, com percentual de 44,5%, sendo que o maior registro de sua ocorrência encontra-se nas referências aos culpados.

Quanto à presença de subjetividade, o quadro estabelecido é este:

Quadro 2- Presença de subjetividade

	fato	culpados	vítimas	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
caracterização	4	5	21	30/73	41
Processualização/ modalização	4	26	12	42/86	48,8

Analisando-se os dados, vê-se que a subjetividade manifesta-se mais na operação de *processualização/modalização*. De um total de 86 ocorrências, 42 são subjetivas. Com respeito à caracterização subjetiva, pode-se dizer que ela registra maior número de ocorrências para as vítimas.

Os primeiros casos de subjetividade podem ser vistos na legenda que acompanha as fotos dos assessores fazendo gestos obscenos: **Ao saber que o acidente da TAM teria sido causado por defeito mecânico, o assessor especial da Presidência, Marco Aurélio Garcia, faz um gesto obsceno em seu gabinete demonstrando felicidade com o fato de a informação supostamente aliviar a culpa do governo na tragédia. Seu assessor fez outro gesto obsceno** (O Globo, primeira página). Em **demonstrando felicidade**, tem-se uma descrição apreciativa, que revela o modo como enunciador avalia o comportamento dos assessores. Já a expressão **supostamente aliviar a culpa** traz a idéia de que, mesmo provando-se ser falha mecânica a causa do acidente, o governo não deixará de ter culpa.

O jornal *O Globo* faz questão de destacar o episódio que envolveu os assessores do Presidente e prova disso é a opção por retratá-lo na primeira

página, criando, inclusive, uma onomatopéia para caracterizar o gesto. Essa é mais uma evidência do tom crítico do periódico carioca.

Na parte interna do jornal, encontram -se mais índices de crítica:

(1) Com a informação de que um problema técnico pode ter contribuído para a tragédia, o governo respira aliviado, embora os parentes das vítimas ainda chorem. (O País, p.3)

(2) Sem aparecer em público para manifestar solidariedade às famílias das vítimas desde que ocorreu o acidente como avião da TAM, na terça-feira, e sem obter respostas às cobranças a seus subordinados para solucionar a crise aérea com a fixação de “prazo, dia e hora”, o presidente decidiu assumir ontem o comando das ações no setor. (O País, p.14)

No primeiro enunciado, estabelece-se um paralelo entre a atitude do governo e a situação dos parentes dos acidentados. O uso de **respira aliviado** sugere que o único interesse do governo é eximir-se da culpa pelo acidente, sem se importar com o sofrimento dos parentes das vítimas.

Já no segundo enunciado, o conteúdo expresso em **sem aparecer em público para manifestar solidariedade às famílias das vítimas** pode dar a idéia de que o Presidente é insensível à dor das famílias, o que cria uma imagem desfavorável para Lula.

Nesse terceiro dia de reportagens, o Jornal relatou histórias de vida das vitimas, em tom emocional. Entre elas, destacam-se estas duas:

(1) A comissária de bordo da TAM Cássia Negretto estava indo a São Paulo para encontrar a prima Aline Rossin, que a acompanharia na prova de seu vestido de noiva. (O País, p.15)

(2) Michelle Dias Miranda, de 24 anos, planejava se casar com o rapaz que namorava há quatro meses ainda neste ano. Os pais do jovem haviam conhecido a futura nora no domingo, dois dias antes da tragédia. Só voltaram a revê-la ontem, em seu enterro, no Cemitério Quarta parada, na Zona Leste. (O País, p.15)

A inserção dessas histórias na reportagem não tem como objetivo informar, embora a instância midiática queira mostrar o contrário. O que se tem, nesse caso, é o jogo de mascaramento entre a visada de *fazer saber* e a visada de *fazer sentir* que caracteriza o contrato de informação, como explica CHARAUDEAU (2006: 87)

No contrato de informação, é a primeira visada que domina, a do fazer saber, que está ligada à verdade, a qual supõe que o mundo tem uma existência em si e seja reportado com seriedade numa cena de significação credível. A segunda visada, a do fazer sentir, deveria ser secundária em tal contrato, pois é contrária à precedente. Poder-se-ia defender a idéia inversa e afirmar que, no contrato de informação midiática, tal como no contrato da publicidade, é a segunda visada que prevalece e mascara a primeira. Mas todo contrato de comunicação se define através das representações idealizadas que o justificam socialmente e, portanto, o legitimam. Mesmo sabendo que o discurso de informação se sustenta numa forte tensão do lado da captação, não seria aceitável, sob o ângulo das representações sociais, que esta se exercesse em detrimento do fazer saber, embora isso seja perfeitamente aceito para o discurso publicitário.

5.4 Vinte e dois

5.4.1 *Folha de S. Paulo*

A primeira página do caderno *Cotidiano* recebe, neste dia, a manchete **Mais um dia de busca**, acompanhada do *lead* **Bombeiros usam cães farejadores durante os trabalhos de busca por mais vítimas do acidente; em protesto irônico, comissários de bordo e moradores da região “aplaudem” o assessor de Lula**. No rodapé, aparecem os títulos **Paulistano prefere manter Congonhas** e **Pane no AM suspende vôos internacionais**.

Essa página contém ainda uma enorme fotografia com a imagem de dois bombeiros levando flores, entregues por manifestantes, para serem depositadas nos escombros do prédio da *TAM*.

Nesse dia, houve uma queda no número de operações lingüístico-discursivas referentes ao acidente em relação aos três primeiros dias (cf. anexo). Isso se deve ao fato de, nessa data, a reportagem ter mudado o foco: passou a não tratar só do acidente, mas a analisar a crise aérea de um modo geral.

A reportagem inicia-se com a exposição dos resultados de uma pesquisa do Datafolha que contém avaliações relativas à crise aérea.

Após a exposição desses resultados, tem-se a notícia da pane no Cindacta-4, em Manaus, que agravou a situação de caos nos aeroportos já instalada pelo acidente da *TAM*.

Com respeito ao acidente em si, as notícias relacionam-se mais a às vítimas. Na página 6 do *Cotidiano*, destaca-se a história de Leila:

Faltava um pouco mais de uma semana para que Suelen, 3, ganhasse perante a Justiça uma nova mãe. Faltava pouco mais de uma semana para que Leila Maria Oliveira dos Santos, 35, realizasse seu sonho de adotar a menina. A tragédia com o Airbus-A320 da TAM na última terça-feira, que vitimou a mulher, adiou a união legal.

A subjetividade, nesse exemplo, provém da avaliação axiológica que se faz do ato de adotar, ao se considerá-lo um **sonho** a ser realizado por Leila.

Uma outra história que chama atenção é a do taxista Thiago:

Desaparecido Thiago caiu em um misterioso limbo e tornou-se uma espécie de vítima rebelde, já que não se encaixa em nenhuma categoria: não era passageiro do avião nem funcionário do prédio. (Cotidiano, p.6)

Nesse enunciado, a situação do motorista é descrita de forma avaliativa por meio das expressões **um misterioso limbo** e **vítima rebelde**.

Ao apontar os culpados, o Jornal faz menção aos gestos obscenos feitos pelos assessores de Lula: **“Uma salva de palmas para o Marco Aurélio Garcia!”**, **gritava ontem um jovem de preto no local do acidente. À sua frente cerca de 30 jovens, em parte comissários de bordo, aplaudiram ironicamente o assessor da presidência da república, autor do gesto obsceno ao ouvir que a falha pode ser do avião.**

Comparando-se os dois jornais, percebe-se que *O Globo* deu mais destaque a esse episódio a ponto de tê-lo como manchete acompanhada de foto no dia 20 de julho.

5.4.2 O Globo

O Globo de 22 de julho de 2007 traz como manchete principal **Pane em radar da Amazônia força pouso de vôos dos EUA**, abaixo dela há uma foto na qual se mostra a formação de várias filas no aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro. Esse cenário faz referência ao caos instalado nos aeroportos, com atrasos nos vôos, ocasionado pela falha ocorrida no sistema de operação do Cindacta-4, em Manaus. O tema do acidente da TAM é abordado junto com essa notícia

Como essa data corresponde a um domingo, dia considerado de lazer, a primeira página é composta também por itens mais amenos como os conteúdos da *Revista O Globo* e da *Revista da TV* e as notícias sobre o PAN.

A exemplo do que ocorre na *Folha*, há, em comparação com os três primeiros dias, uma diminuição nas operações lingüístico- discursivas que fazem referência ao fato, às vítimas, aos culpados e aos heróis. Tem-se um total de 84 ocorrências apenas, enquanto que no dias 18, 19 e 20 de julho, registraram-se, respectivamente, 165, 348 e 312 ocorrências.

A subjetividade manifesta-se de forma mais contundente nas menções aos culpados. Em uma parte da reportagem, intitulada **Tragédias e transtornos: a crônica do governo sobre os dez meses de crise**, faz-se uma avaliação do desempenho do governo em relação à crise no setor aéreo:

Na manhã de terça-feira, dia 17, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vestiu um elegante terno azul-marinho e foi à reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, no Palácio do Planalto. Durante vinte minutos, Lula falou sobre a “maturidade dos governantes” para uma platéia repleta de empresários e sindicalistas. Ali deu sua receita de gestão: Em determinados cargos, a gente não diz aquilo que pensa nunca; a gente faz quando pode e, se não pode, a gente deixa como está para ver como é que fica”. (O País, p.4)

Nesse fragmento, inicialmente, descreve-se o modelo de administração proposto pelo Presidente—... **a gente não diz aquilo que pensa nunca; a gente faz quando pode e, se não pode, a gente deixa como está para ver como é que fica**. O enunciador o considera, ironicamente, uma verdadeira **receita de gestão**. Em seguida, ele desqualifica esse modelo apontando-o como a responsável pelo caos aéreo: **Documentos do próprio governo sugerem que há um pouco de cada um desses ingredientes no**

colapso da aviação civil e da administração dos aeroportos do país— **exposto nos últimos dez meses por tragédias que resultaram em mais de três centenas de mortes** (*O País*, p.14). Para fundamentar sua opinião, ele recorre a dados contidos em documentos oficiais. Essa é uma forma de se construir a credibilidade, que é um dos desafios do contrato de informação midiático.

A crítica ao desempenho do governo em relação à crise do setor aéreo encerra-se com a alusão ao acidente da TAM: **Sob o clima de comoção pela morte de mais de duas centenas de pessoas no acidente com o avião da TAM, o presidente voltou a anunciar “providências” e “compromisso” com a solução da crise. O governo já anunciara o fim do apagão pelo menos sete vezes, nos últimos dez meses, em recorrentes exercícios de substituições de ações por palavras.** (*O País*, p.4)

O fato de o enunciador dizer que **o governo já anunciara o fim do apagão pelo menos sete vezes** demonstra que, para ele, as promessas do governo já caíram no descrédito. Já, ao utilizar a expressão **recorrentes exercícios de substituição de ações por palavras**, transmite a idéia de que o Presidente costuma falar muito e agir pouco, o que cria uma imagem negativa para Lula.

Pelos fragmentos examinados, vê-se que o jornal *O Globo* apresenta o mesmo tom crítico verificado nos dias anteriores. Os termos utilizados pelo enunciador revelam seu grau de engajamento.

5.5 Vinte e três

5.5.1 *Folha de S.Paulo*

No sexto dia de cobertura do acidente, a *Folha* inicia a reportagem com a manchete **Pista de Congonhas sob suspeita reabre amanhã**. A fotografia que ilustra a matéria mostra parentes e amigos na missa em homenagem às vítimas.

Examinando-se a primeira página do jornal, vê-se que metade dela é preenchida pela reportagem do acidente. Já a outra metade é quase toda ocupada por notícias sobre o PAN. Essa divisão resulta num equilíbrio entre sentimentos de tristeza e alegria desencadeados, respectivamente, pelo primeiro e segundo temas.

A primeira página do caderno *Cotidiano* traz informações sobre a missa em homenagem às vítimas, descrita da seguinte maneira: **Um sermão longo e dolorido iniciou ontem a missa em homenagem às vítimas do vôo JJ 3054 da TAM, na catedral da Sé, em São Paulo** (*Cotidiano*, p.1). Por meio do adjetivo **dolorido**, o enunciador realiza uma avaliação afetiva que revela seu grau de envolvimento com o processo descrito.

No tratamento dado aos culpados, destaca-se neste enunciado: **Luiz Moysés, 36, que perdeu a mulher, disse que não conseguiu levar a dentista da família a São Paulo. “Ela tem material que possibilitaria o reconhecimento em minutos”**. Ele criticou a pressão da TAM para que os familiares deixem São Paulo. **“Praticamente nos mandaram embora”**, o emprego de **pressão da TAM**. Ao utilizar esse termo, o enunciador caracteriza negativamente a empresa, uma vez que a **pressão** é feita sobre os parentes

das vítimas do acidente, para os quais espera-se uma atitude de compreensão e solidariedade.

Na página 11, as avaliações sobre os culpados continuam. Dessa vez, porém, elas recaem sobre as declarações dadas pelos diretores da Anac em entrevista à *Folha*, no dia 22 de julho. Observem-se estes exemplos:

(1) **Em suas primeiras declarações públicas após a maior tragédia aérea do país, a diretora da Anac (agência Nacional de Aviação Civil), Denise Abreu, e o presidente, Milton Zuanazzi, foram imprecisos sobre as atribuições da agência.** (*Cotidiano*, p.11)

(2) **O diretor-presidente da agência foi além e reclamou mais uma vez que vem recebendo cobranças pela melhoria do sistema aéreo. “Não consigo entender essa pressão sobre a Anac, como se fosse sua a responsabilidade de tomar decisões, quando não é”.** (*Cotidiano*, p.11)

(3) **O curioso é que, pela legislação em vigor, o papel maior da Anac é manter a segurança e o pleno funcionamento do sistema.** (*Cotidiano*, p.11)

Conforme já foi visto no segundo capítulo, Kerbrat-Orecchioni (1997: 99) afirma que existem termos que já são marcados com uma conotação negativa ou positiva e outros que só recebem essa conotação dentro de um determinado contexto. O adjetivo **imprecisos**, utilizado no primeiro exemplo, pertence a esse último conjunto de termos. O fato de os diretores serem qualificados dessa forma soa negativo, pois, como responsáveis pela agência, eles deveriam saber determinar quais são as atribuições do órgão.

No segundo exemplo, apresenta-se a opinião do presidente da *Anac*, que representa uma tentativa de isenção do problema.

Já no terceiro exemplo, o enunciador contesta essa opinião valendo-se de informações contidas na legislação. Tal contestação é feita de forma irônica, com o uso de **o curioso é que**.

Percebe-se que, nesse dia, a *Folha* assumiu uma postura mais agressiva com relação aos culpados, o que a aproxima da posição do jornal *O Globo*.

5.5.2 O Globo

Em 23 de julho de 2007, o destaque do jornal *O Globo* é a manchete **Aeronáutica investiga sabotagem em radar e controladores negam**, que faz referência à pane elétrica nos sistema de geradores de energia do Cindacta-4, em Manaus. As notícias do acidente em si estão inseridas nessa reportagem.

Na primeira página, exibe-se a imagem de familiares chorando durante a missa em homenagem às vítimas. A fotografia possui um plano muito fechado, mostrando os rostos dos familiares bem de perto. Sua inserção na reportagem corresponde a uma estratégia de visualização, que, segundo Emediato (2007: 301), tem como objetivo ajudar a construir o real e torná-lo mais próximo do leitor.

Nesse dia, a subjetividade do enunciador manifesta-se de forma mais evidente em relação às vítimas. Vejam-se estes exemplos:

(1) **Uns silenciosos, outros indignados, parentes das vítimas do voo JJ 3054 da TAM participaram ontem de uma comovente cerimônia de adeus. Sem corpos para velar, eles fizeram da missa em homenagem aos mortos, que levou cerca de três mil pessoas à Catedral da Sé, um ritual de despedida.**

(2) **Com a camisa em que exibia a imagem da filha usando a beca de formatura, Tereza Maliszewski, mãe de Katiane Lima, estava inconsolável.**

(3) **Em meio à comoção, familiares encontravam forças para reclamar da morosidade na identificação dos corpos.**

Nesses exemplos, têm-se duas avaliações axiológicas, realizadas por meio dos adjetivos **indignados** e **inconsolável**, e uma afetiva, expressa pelo adjetivo **comovente**.

A fim de mostrar o tratamento dado aos culpados, destaca-se este enunciado: **A referência à atitude do assessor da Presidência, Marco Aurélio Garcia, que demonstrou satisfação ao saber de suposto defeito na aeronave da TAM, foi alvo de protesto dos parentes.** Nesse exemplo, avalia-se a ação do assessor de forma axiológica com o uso da expressão **demonstrou satisfação**, o que cria uma imagem negativa para ele.

Fazendo-se um balanço da reportagem, percebe-se que o tom crítico de dias anteriores, manifesto nas acusações feitas aos culpados, cedeu lugar à focalização do sofrimento das vítimas.

5.6 Vinte e quatro

5.6.1 *Folha de S.Paulo*

Nesse dia, a manchete principal da *Folha* é **Empresas evitam Congonhas e caos piora**. Ela vem acompanhada dos subtítulos **Cancelamentos no aeroporto chegam a 68%; vôos são transferidos até para Ribeirão Preto e Terra desliza na cabeceira principal cuja reabertura é adiada para quinta-feira**. A fotografia que ilustra a reportagem traz a imagem da cabeceira da pista principal do aeroporto de *Congonhas* após o deslizamento de terra.

No caderno *Cotidiano*, a primeira página recebe os seguintes títulos: **Empresas e pilotos boicotam Congonhas e Sob chuva, desmorona cabeceira da pista.**

Nota-se, que nessa data, as notícias do acidente dividem espaço com assuntos como o boicote de empresas e pilotos a Congonhas, o deslizamento de terra na pista principal e cancelamentos de vôo.

No que se refere aos culpados, o Jornal relembra o gesto do assessor da Presidência: **Ontem, em seu programa de rádio, Lula disse que qualquer julgamento sobre as causas do acidente com o avião da TAM é “prematureo” e quase irresponsável. O comentário vem dias depois de o assessor da Presidência Marco Aurélio Garcia “desabafar” com gestos obscenos ao assistir a uma notícia que atribuía grande parte da culpa do acidente à TAM.** (*Cotidiano*, p.7)

Com respeito às vítimas, destaca-se a narrativa com apelo emocional sobre fatos da vida de um dos pilotos do *Airbus*: **“Sem medo de voar”.** É o nome do livro que o comandante Henrique Stephanini Di Sacco, 53, um dos pilotos que comandavam o Airbus A320 da TAM, escrevia nas horas de folga. Com a obra, o piloto queria ajudar leigos a vencerem o medo de avião. Outro sonho de Di Sacco era voar com o filho, também piloto da TAM. **“Infelizmente, não deu tempo”, diz a mulher de Di Sacco.** (*Cotidiano*, p.6)

5.6.2 O Globo

O *Globo* de 24 de julho de 2007 inicia a reportagem sobre o acidente com a manchete **Pista da tragédia em SP tem agora deslizamento de terra**, que tem como subtítulo **Pilotos se recusam a pousar em Congonhas**

Vê-se que, já na manchete, a subjetividade se faz presente. Na expressão **pista da tragédia**, o adjunto adnominal **da tragédia** traz uma classificação axiológica para a pista que enfatiza sua relação com o acidente.

Na parte interna do jornal, o assunto do acidente divide espaço com outros como: o deslizamento de terra na pista principal do aeroporto de Congonhas, que trouxe como consequência o atraso nos vôos; a pane no sistema do Cindacta-4 e as medidas adotadas pelo governo para solucionar a crise no setor aéreo.

Ao abordar o tema do acidente, o Jornal focaliza primeiro os culpados. O assessor surge como um representante dessa classe. Dedicar-se uma parte da reportagem só para narrar suas ações. Observem-se estes fragmentos:

(1) **Assessor do ‘top, top, top’ enfrenta fila no Santos Dumont.**

(*O País*, p.5)

(2) **Nada de gestos obscenos ou, muito menos, de comemoração. Na tarde de ontem, foi a vez de assessor do presidente Lula para assuntos internacionais, Marco Aurélio Garcia, usar as mãos apenas para ajudar a passar o tempo. Entre a leitura do sugestivo “Os farsantes”, de Graham Greene, e ligações no celular, ele permaneceu por uma hora e meia no saguão do Aeroporto Santos Dumont, no Rio.** (*O País*, p.5)

(3) — **Não tenho nada a declarar. Vocês fazem o que querem e eu faço o que eu quero** —disse um irritado Marco Aurélio, ao ser abordado por um repórter do *Globo* no saguão do aeroporto. (*O País*, p.5)

No primeiro enunciado, o enunciador caracteriza o assessor de forma pejorativa, ao utilizar o adjunto adnominal **do top, top, top**.

O segundo fragmento é pontuado pela ironia, evidenciada no emprego de **usar as mãos apenas para ajudar a passar o tempo** e do adjetivo **sugestivo**, que classifica o livro os farsantes.

Já o terceiro fragmento contém uma avaliação axiológica do enunciador expressa por **irritado**.

Com respeito ao fato (acidente), o jornal traz notícias sobre os depoimentos prestados pelos sobreviventes do acidente que trabalhavam no prédio da TAM: **Convocados a depor no inquérito que apura as responsabilidades sobreviventes da tragédia no prédio da TAM Express viveram ontem os momentos de pânico que passaram na terça-feira da semana passada** (*O País*, p. 13). Nesse enunciado, percebe-se o grau de envolvimento do enunciador no emprego de **momentos de pânico**, classificação axiológica da experiência pela qual passaram os sobreviventes.

Ainda sobre o acidente, têm-se as seguintes descrições:

(1) **...Parecia uma bomba nuclear— relatou Gerson, depois do depoimento, no 27º Distrito Policial.** (*O País*, p.13)

(2) — **O nosso setor ficava no térreo. Ninguém tinha clareza sobre o que estava acontecendo. Uma bola de fogo veio da rua e ninguém sabia o que era. Saímos correndo, disse Eunice.** (*O País*, p.13)

O crédito que se pode atribuir às informações acima provém do fato de elas terem sido dadas por informadores que são testemunhas. De acordo com Charaudeau (2007: 53), esse tipo de informador desempenha o papel de portador da verdade na medida em que seu único objetivo é dizer o que viu e ouviu. Seus relatos são utilizados pelo Jornal com objetivo de ajudar a

reconstruir a realidade e a verdade dos fatos. Isso demonstra o compromisso do veículo informativo com a credibilidade.

5.7 Vinte e cinco

5.7.1 *Folha de S. Paulo*

Nesse dia, o tema do acidente dividiu espaço com outros como a lucratividade das empresas aéreas, as restrições de vôos no aeroporto de Congonhas e os atrasos nas saídas dos aviões.

Nota-se que, praticamente, não houve menção às pessoas atingidas pela tragédia. Já no que se refere aos culpados, pode-se dizer que tiveram um certo destaque, conforme se observa a seguir:

(1) **TAM e Infraero se isentam por acidente e fazem mais jogo de empurra-empurra.** (*Cotidiano*, p.6)

(2) **Os órgãos oficiais preferem responsabilizar a TAM, o avião e o piloto.** (*Cotidiano*, p.3)

(3) **Nomeado para o cargo por sua proximidade política com a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, o presidente da Anac afirmou que recebeu uma indicação “técnica”.** (*Cotidiano*, p.3)

O primeiro exemplo mostra que *TAM* e *Infraero* não querem assumir responsabilidades pelo acidente. Isso fica marcado pelo uso da expressão axiológica **jogo de empurra-empurra**. Os órgãos oficiais assumem a mesma postura, como se vê no segundo exemplo.

Já no terceiro exemplo, o enunciador cria uma imagem negativa para o presidente da *Anac*, ao contestar sua nomeação por meio da expressão **nomeado para o cargo por sua proximidade política**.

5.7.2 O Globo

Em 25 de julho, a reportagem sobre o acidente concentra-se mais uma vez na crítica aos culpados:

(1) **Inspeção da pista foi feita no ‘olhômetro’**. (título que aparece na primeira página do Jornal)

(2) **Apenas com o olhar, sem nenhum equipamento especial, dois homens à pé, em 15 minutos, foram responsáveis por vistoriar os 1940 metros da pista principal do Aeroporto de Congonhas, no dia do acidente com o voo JJ 3054.** (*O País*, p.3)

Nos dois primeiros enunciados, reprova-se a maneira como foi feita a inspeção da pista após a ocorrência de chuva no dia do acidente. Em (1), essa reprovação é expressa no uso do termo **‘olhômetro’**. Já em (2), por meio de **apenas com o olhar, sem nenhum equipamento especial e em 15 minutos**. Ao empregar essas expressões, o enunciador denuncia a falta de preocupação com a questão da segurança. Para confirmar seu ponto de vista, o enunciador recorre a um argumento de autoridade, com a inserção na reportagem da declaração do procurador de Justiça Márcio Schusterschitz da Silva, que move ação do Ministério Público Federal contra a *Anac* e a *Infraero*: **“Se o Airbus pousou três vezes no mesmo dia e no pouso das sete da noite, 200 pessoas morreram, é para pensarmos. Congonhas não é administrada pela caixa econômica Federal, que cuida de loterias e jogos. Não é questão de sorte, mas de segurança”**. (*O País*, p.12)

O enunciador tece ainda comentários críticos sobre a composição do comando da *Anac*: **O comando da Anac é formado por diretores indicados por critérios políticos e a maioria deles não tinha qualquer intimidade anterior com a área. Dos cinco diretores da agência, quatro não têm perfil**

técnico. (*O País*, p.8). Ao utilizar as expressões **indicados por critérios políticos, não tinha qualquer intimidade anterior com a área e não tem perfil técnico**, sugere falta de preparo dos membros da *Anac* para exercerem seus cargos.

5.8 Vinte e seis

5.8.1 Folha de S.Paulo

A *Folha* de 26 de julho de 2007 exibe em sua primeira página uma enorme fotografia com a imagem de operários trabalhando na colocação dos *groovings* (ranhuras responsáveis pelo escoamento da água) na pista principal de Congonhas. Logo em seguida vem a manchete *‘quando viajo entrego a Deus’*, diz Lula. Essa frase é uma declaração do Presidente que, ao analisar a situação do setor aéreo, admite crise.

Como ocorre no dia anterior (25/07), as atenções voltam-se para os culpados. Vejam-se estes exemplos:

(1) **Nesse quase um ano de crise tornaram-se comuns cenas de filas imensas nos saguões dos aeroportos, passageiros desesperados à espera de vôos e informações e, por duas vezes, parentes inconsoláveis com as mortes. Enquanto isso, o governo acumulava desgastes: a ministra Marta Suplicy (Turismo) recomendou aos passageiros o já clássico “relaxa e goza”, o assessor especial da Presidência Marco Aurélio Garcia fez o ‘top, top, top’ quando soube que havia um defeito no avião da TAM e, para completar, a Aeronáutica condecorou, depois do segundo acidente, os diretores da Anac.** (*Brasil*, p.4)

(2) **Irritado, Zuanazzi bateu boca com deputados da oposição, disse que críticas que vem recebendo são “desumanas”**. (*Cotidiano*, p.12)

(3) **A Infraero descumpriu um acerto firmado com a Procuradoria da República que previa ampla divulgação de detalhes da**

reforma na pista principal de Congonhas e acabou “blindando” os engenheiros responsáveis pela obra. (*Cotidiano*, p.1)

Em (1), analisa-se a crise aérea de uma maneira geral. O enunciador enumera os erros cometidos pelo governo e deixa transparecer sua reprovação com respeito a eles por meio de marcas como o adjetivo **clássico** que acompanha o **relaxa e goza** e a onomatopéia “**top, top, top**”, que caracteriza o gesto do assessor. Já no final do fragmento, com o uso da expressão **para completar**, mostra sua indignação quanto à decisão da aeronáutica de condecorar os diretores da *Anac*.

Já em (2), com o emprego do adjetivo **irritado**, avalia-se de forma axiológica o estado do presidente da *Anac*. Além disso, classifica-se pejorativamente a atitude de Zuanazzi ao se utilizar a expressão **bateu boca**.

Por fim, em (3), mostra-se que a Infraero praticou uma ação considerada negativa. Isso é marcado pelo uso da forma verbal **descumpriu**.

Percebe-se que, nesse dia, predominou uma postura mais agressiva do Jornal em relação à denúncia aos culpados.

5.8.2 O Globo

Neste dia, *O Globo* deu ênfase à posse de Nelson Jobim, que substituiu Waldir Pires à frente do Ministério da Defesa.

É possível notar que o tom crítico do Jornal permanece. Observem-se os enunciados abaixo:

(1) Foi a primeira vez que o Presidente Lula apareceu em público após a tragédia em Congonhas, há nove dias. Na cerimônia de posse de Nelson Jobim no ministério da Defesa, Lula fez um discurso sério sobre o acidente, mas chegou a contar piadas, arrancando risos dos presentes na solenidade. Num tom mais descontraído do que se previa

diante da gravidade da situação, o próprio presidente disse que “é preciso que a gente tenha momentos de descontração para tornar a vida, eu diria, menos sofrível”. (*O País*, p.3)

(2) A saída de Waldir Pires do Ministério da Defesa expôs mais uma vez, a dificuldade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de demitir seus auxiliares, mesmo que estejam em fritura pública. (*O País*, p.8)

(3) Na CPI do apagão aéreo, presidente da Anac bate boca com deputados e diz que não liberou a pista de Congonhas. (*O País*, p.13)

No primeiro enunciado, a expressão **num tom mais descontraído do que se previa diante da gravidade da situação** sugere, por parte do enunciador, uma desaprovação quanto ao comportamento do presidente. Já no segundo, o termo **fritura pública** expressa uma avaliação axiológica sobre situação do Ministro da Defesa perante a opinião pública. Finalmente, no terceiro enunciado, o termo **bate boca**, que também aparece em destaque na *Folha*, corresponde a uma avaliação pejorativa do comportamento do presidente da *Anac*.

5.9 Vinte e nove

5.9.1 *Folha de S. Paulo*

Vinte e nove de julho é um dos últimos dias de notícias sobre o acidente. Como era de se esperar, não há muitas novidades nas reportagens. *A Folha* continua a dar ênfase ao sofrimento dos parentes das vítimas:

(1) **Famílias aguardam com angústia liberação de corpos.** (*Cotidiano*, p.11)

(2) **Enquanto isso, os parentes tentam se adaptar a uma nova vida e contam como têm sido os últimos dias. Para os que esperam os corpos, é um velório sem fim.** (*Cotidiano*, p.11)

Em ambos os enunciados, têm-se avaliações axiológicas, expressas respectivamente, por **com angústia** e **é um velório sem fim**.

5.9.2 *O Globo*

No *O Globo*, assim como na *Folha*, não há surgimento de novos fatos. O Jornal mantém sua postura agressiva em relação aos culpados:

(1) **A falta de clareza sobre o que é urgente e essencial no gasto público tem levado a situações esdrúxulas na gestão das reduzidas verbas do programa de proteção ao vôo pela Aeronáutica.** (*O País*, p. 8)

(2) **Além de interferências nas decisões, o governo costuma lotear as agências para acomodar indicações de aliados políticos.** (*O País*, p.15)

No primeiro exemplo, o termos **falta de clareza** e **esdrúxulas** expressam o descontentamento do enunciador com o modo de administração da Aeronáutica. Já no segundo, classifica-se pejorativamente uma ação do governo por meio da forma verbal **lotear**.

Nota-se que, entre os culpados, o principal alvo de acusações do Jornal é o governo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 A visada de informação

Por meio do levantamento das operações lingüístico-discursivas de identificação, caracterização e processualização/modalização, verificou-se que nas reportagens sobre o acidente da *TAM*, houve um alto teor de informatividade. Foram encontrados na *Folha* e no *Globo*, respectivamente, 1582 e 1726 dados. Isso significa que ambos os veículos atenderam a uma das finalidades do contrato de informação midiático, segundo a qual a instância midiática deve *fazer saber* ao cidadão o que aconteceu ou está acontecendo no âmbito da vida social.

A visada informativa realizou-se pela descrição-narração exaustiva do fato— atividade que envolveu o relato de pessoas que presenciaram o acontecimento e a apresentação de fotos com imagens do local do acidente, dos destroços do avião— e pela explicação, com a qual a instância midiática tentou esclarecer a instância de recepção sobre as causas e as conseqüências do acontecimento, recorrendo sempre que possível a palavras de especialistas e de autoridades, ou seja, de pessoas habilitadas para falar do assunto. Essas duas atividades ajudaram a construir a credibilidade dos jornais.

6.2 A visada de captação

As estratégias para captar o leitor concentraram-se, basicamente, na exploração do aspecto emocional. Aliás, o tema já era bastante propício a isso. Frequentemente, as reportagens traziam narrativas sobre a vida de vítimas do acidente e depoimentos emocionados de parentes e amigos, com o objetivo de

gerar comoção no público. A *Folha* foi o jornal que mais mostrou essas narrativas.

6.3 A manutenção da notícia

A fim de explorar o tema do acidente por mais tempo, os jornais valeram-se da repetição. Muitas vezes, informações que já haviam sido dadas em um determinado dia apareciam novamente em outro. Mas, para que essa repetição não resultasse cansativa para o leitor, os jornais tentavam inserir algum dado novo nas reportagens como, por exemplo, entrevistas com autoridades e divulgação de pesquisas relacionadas à situação do sistema aéreo brasileiro.

6.4 Implicações da subjetividade no *ethos*

Contrariando a idéia geral de que em textos informativos a manifestação de subjetividade é sempre baixa, as análises revelaram, por meio das operações de caracterização e processualização/modalização, fortes indícios da presença do sujeito nas reportagens sobre o acidente da *TAM*, veiculadas pela *Folha* e pelo *O Globo*. Em relação ao periódico paulista, a soma do número de ocorrências das duas operações equivale a 886, sendo que 398 ocorrências são subjetivas, ou seja, 45% do total. Já no que diz respeito ao jornal carioca, registraram-se 982 ocorrências, entre as quais 346 apresentam traço subjetivo, equivalendo a 34% do total.

As marcas de subjetividade presentes nas reportagens permitiram identificar a orientação político-ideológica dos jornais com respeito ao tema do acidente. *O Globo* apresenta uma postura agressiva, manifestada

principalmente nas severas críticas feitas aos culpados, sobretudo ao governo — apontado como o maior responsável pelo acidente. Já a *Folha* mostra uma postura moderada. Embora também critique os órgãos considerados responsáveis pela tragédia, o faz de uma maneira mais contida. Assim, pode-se afirmar que enquanto o primeiro jornal identifica-se com um *ethos* de indignação, o segundo constrói em seu discurso um *ethos* de moderação.

6.5 Proposta de aplicação pedagógica

Em geral, as aulas de interpretação de textos não são muito produtivas. Muitas vezes, não cumprem aquilo que deveria ser o seu objetivo principal: levar o aluno a refletir sobre o que lê.

Como se viu, as marcas de subjetividade são encontradas em diferentes categorias gramaticais e ajudam a identificar o posicionamento ideológico dos sujeitos enunciadorees em qualquer texto. Sendo assim, acredita-se que orientar o aluno a fazer uma leitura que leve em consideração o papel discursivo dessas marcas contribua para o desenvolvimento de uma visão mais crítica em relação ao conteúdo dos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando Afonso de. Enunciação, ethos e gêneros do discurso na análise da interação. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

------. Interpretação e sentido. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & SANTOS, Leonor Werneck (Orgs.) **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005

------. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth.(org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005

ANGELIM, Regina Célia Cabral & AZEREDO, José Carlos. Argumentação no jornalismo escrito. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (org) **Anais do II encontro franco-brasileiro de análise do discurso: o discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Círculo Interdisciplinar de Análise do discurso da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006

ASSUNÇÃO, Antônio Luiz. Representações e discurso midiático: reflexões em torno da produção de sentido. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (org.) **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 2ed. São Paulo: Pontes, 1988

----- . **Problemas de lingüística geral II**. São Paulo: Pontes, 1989

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996

----- . Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo et alii. (org). **Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1999

----- . Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo et alii. (orgs) **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001

----- . Uma análise semiolingüística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (org). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

----- . **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006

----- . **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008

----- & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Análise do discurso e espetacularização em eventos da mídia: a olimpíada de Berlim. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (org.) **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006

EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (orgs.) **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007

FÁVERO, Leonor & KOCH, Ingedore. **Lingüística Textual: introdução**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1998

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996

GAVAZZI, Sigrid & RODRIGUES, Tânia Maria. Verbos *dicendi* na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs.) **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

HADDAD, Galit. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth.(org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para manter e captar a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La enunciación de la subjetividad en el lenguaje**. Buenos Aires: Edicial, 1997

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**.4.ed. São Paulo: Cortez, 2003

----- . **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008

MACHADO, Ida Lúcia. Análise do Discurso e seus múltiplos sujeitos. In: MACHADO, Ida Lúcia; CRUZ, Amadeu Roselli; LYSARDO DIAS, Dylia. **Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998

----- . Uma teoria de análise do discurso: A Semiolingüística. In: MARI, Hugo et alii. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005

----- . Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth.(org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005

MONNERAT, Rosane S.. Processos de intensificação no discurso publicitário e a construção do *ethos*. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

NASCIMENTO, Karina C. de Souza . Mecanismos argumentativos no jornalismo escrito. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs.). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

NEVES, Patrícia Ferreira. Estratégias de persuasão e de sedução na mídia impressa. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (2003). Marcas discursivas do enunciador midiático: casos de modalização autonímica. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna

ANEXOS

FOLHA 18 /07/2007 – O FATO

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/ MODALIZAÇÃO
Airbus acidente	Da TAM (Airbus)	Atravessa via
Acidente avião	Com 176	Explode
acidente clarão	O maior da história aviação do país	Fez um vôo rasante
Airbus A 320 estrondo	Pior da história da aviação brasileira.	Atravessou uma avenida
desastre	Da TAM (Airbus)	Se chocou contra um prédio da companhia.
Acidente	Vindo de Porto Alegre (Airbus)	Gerou um jogo de empurra-empurra entre os órgãos responsáveis pela aviação brasileira.
O foco do incêndio	Rasante (vôo)	Ocorre em meio a uma grave crise aérea. (o acidente)
O acidente	Que parecia o fim do mundo (clarão)	Fez tremer o apartamento. (o impacto da colisão)
Acidente	Da colisão (impacto)	Explode em Congonhas
O acidente	Da TAM (avião)	Não consegue pousar
Bola de fogo	Com 176(avião)	Atravessa avenida (vôo)
Vôo	Vindo de Porto Alegre (vôo)	Bate em prédio (vôo)
Estrondo	Pior acidente da história do país	Tentava pousar sob chuva (avião)
Clarão	JJ 3054 (vôo)	Cruzou a avenida (o Airbus)
Clarão	Em meio a uma bola de fogo.	Acabou se chocando contra um prédio(Airbus)
Impacto	(aeronave)	Explodindo em chamas (Airbus)
Fogo	Marco trágico na atual crise do setor aéreo brasileiro (o acidente)	Sair da pista
Trovão	De até 20 metros.(labaredas)	Cruzar a avenida por cima dos carros num vôo rasante.
Avião	Parcial do prédio . (desabamento)	(o avião)
Vôo	Que parecia o fim do mundo. (clarão)	Se chocar com o prédio da TAM EXPRESS e com um posto de gasolina vizinho. (avião)
Airbus A320		Virou uma bola de fogo gigante. (avião)
Vôo		
Estrondo		
Aeronave		
Aeronave		
O acidente		
Chamas		
Labaredas		
Explosões		
Desabamento		
Avião		

FOLHA-18/07/2007-O FATO (continuação)

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
<u>Trovão</u> <u>Colisão</u> <u>Fogo</u> <u>Explosão</u> <u>Terremoto</u> <u>Estrondo</u> <u>Tragédia</u> <u>Clarão</u> <u>Estrondo</u> <u>Isso tudo</u> Acidente Segundo acidente	<u>Muito feio</u> <u>Muito triste</u> <u>Que parecia de pólvora</u> (estrondo) Muita pólvora <u>É cruel demais. (isso tudo)</u> Maior acidente da história da aviação De grandes proporções que o governo Lula tem de enfrentar em menos de um ano. (segundo acidente)	Provoca empurra-empurra no governo. (acidente)

FOLHA-18/07/2007-OS CULPADOS

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/ MODALIZAÇÃO
<p>Aeronáutica ANAC Aeroporto crise aérea Problemas TAM Crise Rebeliões Medidas Caos A companhia Representante da TAM A chuva Drenagem da pista Precariedade das pistas <u>ANAC</u> <u>Infraero</u> <u>TAM</u> Assessoria da ANAC ANAC Controladores de vô Caos Empresa</p>	<p>De congonhas (aeroporto) Grave (crise aérea) Frequentes (problemas) Como atrasos e cancelamentos, falhas técnicas nos aeroportos. (problemas) No setor aéreo brasileiro.(crise) Que se arrasta por quase um ano. (crise) Dos controladores de vô (rebeliões) Lentas do governo (medidas) Que se instalou nos aeroportos. (caos) Insuficiente (drenagem) Problema só solucionado com a conclusão da reforma das pistas. (drenagem) Suposta (precariedade das pistas) aéreo (caos)</p>	<p>Se excluiu do gabinete de crise (Aeronáutica) Afirmou que não tinha nenhuma relação com o ocorrido(ANAC) Tem suas condições de segurança questionadas desde 2006. Afirmou que trabalha "com o máximo de agilidade para confirmar a identidade dos passageiros. (TAM) Não havia disponibilizado a lista. (a companhia) Disse que a lista só seria divulgada apenas por telefone. (representante da TAM) Diz que não tinha nenhuma relação com o acidente. (ANAC) Não tomou nenhuma providência. (ANAC) Se amotinaram desde a queda do Boeing da GOL ,no final do ano passado e que deixou 154 mortos, deflagrando a maior crise da aviação civil. (controladores de vôo) Diz que trabalha com "agilidade" para identificar vítima.</p>

FOLHA-18/07/2007-OS HERÓIS

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO	
Bombeiros Ambulâncias carros	150 (bombeiros) 50 (carros de bombeiros) dezenas (ambulâncias)	Foram acionados para tentar controlar o incêndio(bombeiros) Foram deslocadas para o local (ambulâncias)	

FOLHA-18/07/2007- AS VÍTIMAS

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
Pessoas Passageiros Funcionários Tripulantes Funcionários Vítimas Familiares Desespero Familiares Pessoas	176 6 (tripulantes) Da companhia (funcionários) Da TAM(funcionários) Que trabalhavam no prédio da empresa (funcionários) 13 vítimas socorridas fora da aeronave Sem informações em Porto Alegre. (familiares) De parentes e amigos de passageiros.(desespero) Irritados (familiares) Sem notícias (pessoas que estavam no auditório)	pularam pelas janelas para escapar das chamas. (funcionários da TAM que trabalhavam no prédio da empresa) Tentaram invadir balcão (familiares) Tentaram derrubar as portas de vidro de um auditório. (familiares) Tentaram invadir balcão da companhia. (familiares) Foram contidos por segurança. (familiares)

O GLOBO – 18/07/2007- O FATO

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
tragédia Acidente Desastre Um Airbus A-320 O voo 3054 Acidente Tragédia Airbus Acidente Um Airbus	nova (tragédia) com o Airbus da TAM em Congonhas. (acidente) Um novo (desastre) Com pelo menos 201 mortos. (desastre) Da TAM (um Airbus A-320) Anunciada (tragédia) da TAM (Airbus) que pode ter matado pelo menos 201. (acidente) Da TAM, com 176 pessoas a bordo ---170 passageiros e seis tripulantes.(um Airbus)	Põe em xeque a segurança aérea no Brasil. (nova tragédia) Ocorre um dia após outro avião derrapar na mesma pista. (acidente com o Airbus em Congonhas) Põe em xeque a segurança dos vôos no país.(um novo desastre) Tentou pousar sem sucesso às 18h50m de ontem na pista do aeroporto de Congonhas (SP), debaixo de forte chuva, arremeteu e espatifou-se, do outro lado da Avenida Washington Luís, no prédio da TAM Express, que fica em frente ao terminal principal do aeroporto. Havia saído de Porto Alegre com 176 pessoas a bordo-170 passageiros e 6 tripulantes. (o voo 3054) Explode em congonhas.(Airbus da TAM)

O GLOBO – 18/07/2007- O FATO (continuação)

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
<p>Acidente O desastre O Airbus avião desastre O voo JJ-3054 Tragédia Acidente <u>Aquilo</u> [prédio da TAM] Acidente Tragédia acidente Acidente Acidente Tragédia Desastre Acidente Acidente Acidente Acidente Acidente Acidente <u>Tragédia</u> Tragédia Tragédia</p>	<p>O maior da história do País. (acidente) da TAM (o Airbus) Que atravessou a cabeceira da pista número 35 e chocou-se com o depósito de combustível da TAM Express. (o avião) Com o avião da TAM (acidente) <u>Anunciada</u> (tragédia)</p>	<p>Explodiu em por volta das 18h50m de ontem, após derrapar na pista principal do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, tentar arremeter, atravessar a movimentada Avenida Washington Luís e se chocar, do outro lado da pista, contra um prédio onde há um depósito de combustível da própria TAM. (um airbus A-320 da TAM) Acontece não apenas menos de um ano depois da tragédia em Mato Grosso, mas também de uma sucessão de falhas que põe em xeque a segurança aérea no país. (o desastre) Tentou aterrissar, quando chovia forte, na pista recém inaugurada.(O Airbus da TAM) Saiu de Porto Alegre às 17h16m e deveria ter pousado às 18h. (o voo JJ-3054) <u>Virou uma bola de fogo.</u> (Aquilo) Ocorreu duas semanas depois da liberação da pista principal de Congonhas (acidente com o avião da TAM)</p>

O GLOBO – 18/07/2007- O FATO (continuação 2)

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
Acidente	Com o avião da TAM (acidente)	Suspendeu vários vôos de Brasília que tinham como destino os aeroportos de Congonhas, Guarulhos e o de Campinas (SP). (o acidente com o Airbus da TAM)
Acidente	Em Congonhas (acidente)	
Acidente	Com o Airbus da TAM em São Paulo (o acidente)	Aconteceu quase dez meses depois de uma tragédia na aviação brasileira. (acidente)
Acidente	Que se acidentou em São Paulo. (avião)	Foi destaque nas edições on-line dos principais jornais, TVs e agências internacionais, da BBC inglesa à Al Jazeera, do Qatar. (a tragédia com o Airbus A-320 da TAM)
Avião	Com o avião da TAM, ontem. (acidente)	
Acidente	Com o Airbus A-320 da TAM (tragédia)	
Tragédia		
O acidente		

O GLOBO – 18/07/2007- OS CULPADOS

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
<p>O presidente Lula O piloto <u>Pista</u> Pista Comandante Estatal [Infraero] A pista Infraero Anac A Infraero Lula Lula</p>	<p>Principal do Aeroporto de Congonhas (a pista) Da TAM (comandante)</p>	<p>Convocou reunião de emergência. (o presidente Lula) Não conseguiu frear o avião. (piloto) <u>Estava lisa como sabão.</u> (pista) Não apresentava condições de pouso e <u>estava lisa como sabão.</u> (pista) Culpa Infraero e Anac por liberar Congonhas sem ranhuras. (comandante da TAM) Diz que esperava testes. (estatal) Foi liberada sem o grooving. (a pista principal do Aeroporto de Congonhas) Decidiu fechar a pista principal depois que vários aviões derraparam em congonhas devido ao acúmulo de água na pista. (a Infraero) Convoca ministros e decreta luto de três dias. (Lula)</p>

O GLOBO – 18/07/2007- OS CULPADOS (continuação)

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
<p>O presidente Lula Lula Milton Zuanazzi</p>		<p>Pediu à TAM para liberar, com a maior rapidez possível, a lista com o nome das vítimas. (Lula)</p> <p>Convocou uma reunião de emergência no Palácio do Planalto. (o presidente)</p> <p>Convocou ao seu gabinete no Planalto os ministros Dilma Rousseff, da Casa Civil, Walfrido dos Mares Guia, das Relações Institucionais, Franklin Martins, da secretaria de Comunicação Social, e Waldir Pires, da Defesa. (Lula)</p> <p>Determinou que o comandante da Aeronáutica, Juniti Saito, fosse para Congonhas. (Lula)</p> <p>Não apareceu em público desde o acidente, mas participou da reunião com Dilma. (Milton Zuanazzi)</p>

O GLOBO – 18/07/2007- AS VÍTIMAS

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
<p>Número de mortos Vinte e cinco corpos Corpos Pelo menos 201 pessoas Os corpos <u>As pessoas</u> Famíliares Deputado Júlio Redecker O líder da minoria O deputado [Júlio Redecker]</p>	<p>De outras vinte e cinco pessoas que estavam no prédio da TAM. (corpos) Dos 176 passageiros do Airbus. (os corpos) Dos passageiros que estavam no vôo 3054 da TAM (famíliares) Tucano (deputado) Deputado Júlio Redecker (o líder da minoria)</p>	<p>É de pelo menos 201. (número de mortos) Já foram retirados do prédio. (vinte e cinco corpos) Foram retirados até as 23h. (corpos de outras vinte e cinco pessoas...) Morreram no maior acidente da história do país. (Pelo menos 201 pessoas) Estariam todos carbonizados. (os corpos dos 176 passageiros) <u>Se jogavam [do prédio], gritavam de desespero no fogo. (as pessoas)</u> Começaram a chegar ao aeroporto Salgado Filho, protagonizando cenas de pavor e desespero. (Famíliares de passageiros...) Estava no vôo. (deputado tucano) Iria para os EUA. (Júlio Redecker) Estava no vôo da TAM acidentado em Congonhas. (o líder da minoria, deputado Júlio Redecker)</p>

O GLOBO – 18/07/2007- AS VÍTIMAS (continuação)

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
vítimas	do acidente com o avião da TAM (vítimas)	Teve atuação decisiva para a instalação da CPI do apagão. (o deputado [Júlio redecker])

O GLOBO – 18/07/2007- OS HERÓIS

IDENTIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	PROCESSUALIZAÇÃO/MODALIZAÇÃO
os bombeiros Bombeiros		Só às 23h30, conseguiram se aproximar do avião. (os bombeiros) Tentavam conter o fogo e não tinham conseguido chegar ao A-320. (bombeiros)

**QUADROS DE OCORRÊNCIAS DE OPERAÇÕES LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS
FOLHA DE S.PAULO**

Folha - 18/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	47	23	10	3	83	46,3
caracterização	29	16	11	3	59	32,9
processualização/ modalização	21	9	5	2	37	20,6
total geral	97	48	26	8	179/1582	11,3

Folha- 19/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	50	59	63	34	170	42,8
caracterização	42	35	38	1	116	29,2
processualização/ modalização	14	52	34	11	111	27,9
total geral	106	146	135	46	397/1582	25

Folha- 20/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	33	24	27	5	89	45,1
caracterização	25	4	24	7	60	30,4
processualização/ modalização	9	15	18	6	48	24,3
total geral	67	43	69	18	197/1582	12,4

Folha- 21/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	12	15	11	0	38	46,9
caracterização	6	2	11	0	19	23,4
processualização/ modalização	3	10	11	0	24	29,6
total geral	21	27	33	0	81/1582	5,1

Folha- 22/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	%
identificação	17	12	22	4	55	47,8
caracterização.	14	7	18	2	41	35,6
processualização/ modalização	8	3	5	3	19	16,5
total geral	39	22	45	9	115/1582	7,2

Folha- 23/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	%
identificação	9	23	17	0	49	41,5
caracterização	9	17	12	0	38	32,2
processualização/ modalização	5	12	14	0	31	26,2
total geral	23	52	43	0	118/1582	7,4

Folha- 24/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	%
identificação	7	7	7	0	21	38,8
caracterização	9	4	8	0	21	38,8
processualização/ modalização	3	4	5	0	12	22,2
total geral	19	15	20	0	54/1582	3,4

Folha- 25/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	%
identificação	14	17	1	0	32	42,1
caracterização	18	8	1	0	27	35,5
processualização/ modalização	7	9	1	0	17	22,3
total geral	39	34	3	0	76/1582	4,8

Folha- 26/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	7	6	3	4	20	40
caracterização	8	6	2	0	16	32
processualização/ modalização	2	6	3	3	14	28
total geral	17	18	8	7	50/1582	3,1

Folha- 27/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	20	5	26	0	51	45,1
caracterização	20	3	19	0	42	37,1
processualização/ modalização	6	0	14	0	20	17,6
total geral	46	8	59	0	113/1582	7,1

Folha- 28/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	9	0	8	0	17	36,1
caracterização	8	0	9	0	17	36,1
processualização/ modalização	6	0	3	0	9	20,9
total geral	23	0	20	0	43/1582	2,6

Folha- 29/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	22	13	16	0	51	43,9
caracterização	22	4	13	0	39	33,6
processualização/ modalização	11	7	8	0	26	22,4
total geral	55	24	37	0	116/1582	7,3

Folha- 31/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	5	8	5	2	20	46,5
caracterização	8	1	5	0	14	32,5
processualização/ modalização	3	1	4	1	9	20,9
total geral	16	10	14	3	43/1582	2,7

TOTAL GERAL DE DADOS: 1582 100%

POR PROCESSO:

Identificação: 696 43,4 %

Caracterização: 509 31,7 %

**Processualização /
modalização: 377 23,5 %**

**QUADROS DE OCORRÊNCIAS DE OPERAÇÕES LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS
O GLOBO**

O Globo - 18/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	45	16	12	2	75	44,9
caracterização	28	2	8	0	38	22,7
processualização/ modalização	20	17	12	3	52	31,1
total geral	93	35	32	5	165/1726	9,5

O Globo- 19/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	55	41	40	7	143	41
caracterização	54	17	23	5	99	28,4
processualização/ modalização	15	37	44	10	106	30,4
total geral	124	95	107	22	348/1726	20,1

O Globo- 20/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	40	54	38	7	139	44,5
caracterização	31	13	29	4	77	24,6
processualização/ modalização	6	52	28	10	96	30,7
total geral	77	119	95	21	312/1726	18

O Globo- 22/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	16	21	5	0	42	50
caracterização	15	7	4	0	26	30,9
processualização/ modalização	1	9	6	0	16	19
total geral	32	37	15	0	84/1726	4,8

O Globo- 23/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	11	3	11	3	28	56
caracterização	8	1	13	1	23	46
processualização/ modalização	0	2	10	1	13	26
total geral	19	6	34	5	64/1726	3,6

O Globo- 24/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	27	24	18	0	69	42,3
caracterização	25	8	14	0	47	28,8
processualização/ modalização	3	27	17	0	47	28,8
total geral	55	59	49	0	163/1726	9,2

O Globo- 25/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	20	15	8	0	43	46,2
caracterização	16	6	9	0	31	33,3
processualização/ modalização	6	9	4	0	19	20,4
total geral	42	30	21	0	93/1726	5,3

O Globo- 26/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	19	12	8	1	40	43,4
caracterização	12	6	8	0	26	28,2
processualização/ modalização	4	16	5	1	26	28,2
total geral	35	34	21	2	92/1726	5,3

O Globo- 27/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	20	7	4	2	33	44,5
caracterização	21	2	4	0	27	36,4
processualização/ modalização	4	6	1	3	14	18,9
total geral	45	15	9	5	74/1726	4,2

O Globo- 28/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	26	12	15	0	53	38,9
caracterização	26	11	22	0	59	43,3
processualização/ modalização	5	10	9	0	24	17,6
total geral	57	143	46	0	136/1726	7,7

O Globo- 29/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	13	5	6	0	24	34,7
caracterização	17	5	8	0	30	43,2
processualização/ modalização	4	6	5	0	15	21,7
total geral	34	16	19	0	69/1726	3,9

O Globo- 30/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	12	14	9	4	39	46,4
caracterização	8	8	10	0	26	30,9
processualização/ modalização	0	10	9	0	19	22,6
total geral	20	32	28	4	84/1726	4,7

O Globo- 31/07/2007

	fato	culpados	vítimas	heróis	total	%
	OCO	OCO	OCO	OCO	OCO	
identificação	8	8	0	0	16	38
caracterização	13	5	0	0	18	42,8
processualização/ modalização	1	7	0	0	8	19
total geral	22	20	0	0	42	2,4

TOTAL GERAL DE DADOS: 1726 100%

POR PROCESSO:

identificação: 744 42,4 %

caracterização: 527 30 %

**processualização/
modalização: 455 25,9 %**

FOLHA DE S.PAULO**Folha -18/07/2007**

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	16	8	4	28/56	50
PROCESSUALIZAÇÃO	10	9	5	24/35	68,5

Folha -19/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	8	6	17	31/115	26,9
PROCESSUALIZAÇÃO	3	26	16	45/100	45

Folha-20/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	3	3	12	18/53	33,9
PROCESSUALIZAÇÃO	6	18	14	38/42	90,4

Folha -21/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	0	0	1/19	5,2
PROCESSUALIZAÇÃO	0	2	4	4/24	16,6

Folha -22/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	3	10	14/39	35,8
PROCESSUALIZAÇÃO	3	0	1	4/16	25

Folha -23/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	3	11	3	17/38	44,7
PROCESSUALIZAÇÃO	0	7	6	13/31	41,9

Folha -24/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	0	0	3	3/21	14,2
PROCESSUALIZAÇÃO	1	3	3	7/12	58,3

Folha -25/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	0	0	1/27	3,7
PROCESSUALIZAÇÃO	3	3	0	6/17	35,2

Folha -26/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	0	1	0	1/16	6,2
PROCESSUALIZAÇÃO	2	3	1	6/11	54,5

Folha -27/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	0	6	7/42	16,6
PROCESSUALIZAÇÃO	0	0	7	7/20	35

Folha -28/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	-	-	-	-	-
PROCESSUALIZAÇÃO	-	-	-	-	-

Folha -29/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	2	0	2	4/39	10,2
PROCESSUALIZAÇÃO	4	1	3	8/26	30,7

Folha -31/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	0	0	1/14	7,1
PROCESSUALIZAÇÃO	2	0	0	2/8	25

**ÍNDICES DE SUBJETIVIDADE
O GLOBO**

O Globo -18/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	15	1	3	19/38	50
PROCESSUALIZAÇÃO	13	7	5	25/49	51

O Globo-19/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	4	8	6	18/94	19,1
PROCESSUALIZAÇÃO	7	6	9	22/96	22,9

O Globo-20/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	4	5	21	30/73	41
PROCESSUALIZAÇÃO	4	26	12	42/86	48,8

O Globo -22/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	3	0	4/26	15,3
PROCESSUALIZAÇÃO	0	3	0	3/16	18,7

O Globo-23/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	1	6	8/22	36,3
PROCESSUALIZAÇÃO	0	1	6	7/12	58,3

O Globo-24/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	6	3	5	14/47	29,7
PROCESSUALIZAÇÃO	0	10	2	12/47	25,5

O Globo -25/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	0	0	2	2/31	6,4
PROCESSUALIZAÇÃO	1	2	2	5/19	26,3

O Globo-26/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	0	0	0	0	-
PROCESSUALIZAÇÃO	0	9	0	9/25	36

O Globo-27/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	0	0	1/27	3,7
PROCESSUALIZAÇÃO	2	2	0	4/11	36,3

O Globo -28/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	1	1	11	13/59	22
PROCESSUALIZAÇÃO	0	4	5	9/24	37,5

O Globo-29/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	2	0	4	6/30	20
PROCESSUALIZAÇÃO	4	1	4	9/15	60

O Globo-30/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	0	1	2	3/26	11,5
PROCESSUALIZAÇÃO	0	2	3	5/19	26,3

O Globo-31/07/2007

	FATO	CULPADOS	VÍTIMAS	TOTAL	
	OCO	OCO	OCO	OCO	%
CARACTERIZAÇÃO	2	2	0	4/18	22,2
PROCESSUALIZAÇÃO	2	0	0	2/8	25

SOMA DOS NÚMEROS DE OCORRÊNCIAS DE SUBJETIVEMAS

Folha

TOTAL GERAL DE DADOS: 1582

Caracterização: 509
Processualização/modalização: 377
Soma dos processos: 886
Total de subjetivemas: 398

O Globo

TOTAL GERAL DE DADOS: 1726

Caracterização: 527
Processualização/modalização: 455
Soma dos processos: 982
Total de subjetivemas: 346

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)